

P R O C Ó P I O

O  
ATOR  
VASQUES

O HOMEM E A OBRA

\* Este livro foi composto e  
impresso nas oficinas de  
José Magalhães, á Rua  
Quirino de Andrade, 59  
São Paulo - 1939





L Á G R I M A S de M A R I A

Drama em 3 atos, representado pela  
primeira vez em Dezembro de 1875.

LÁGRIMAS DE MARIA

Personagens:

DOUTOR MATEUS (médico).  
JÚLIO DA COSTA (rapaz rico).  
MARIA (sua mulher).  
AMÉLIA (5 anos, filha da mesma)  
D. CUSTÓDIA DO AMPARO (velha beata).  
ANGELINA (moça do tom).  
JOANA )  
EUFRÁSIA ) (suas companheiras).  
FIRMINO (rapaz de recursos).  
JOAQUIM PATO (velho gaiteiro).  
MANOEL (velho criado do Dr.)  
UM TITI'  
UM FIDALGO  
UM VELHO  
UM DOMINÓ  
1.º MÁSCARA  
2.º MÁSCARA  
1.º RAPAZ  
2.º RAPAZ  
UM LACAIO DE ANGELINA  
UM CRIADO DE JÚLIO

MASCARADOS DE AMBOS OS SEXOS, HOMENS  
DE PALANQUIM, BANDA DE MÚSICA, PORTA  
ESTANDARTE, POVO, ETC., ETC..

Época: — Atualidade.



## LÁGRIMAS DE MARIA

## A T O I

O Teatro representa a casa de Angelina. Ricamente mobiliada.  
Sofá à direita. Piano à esquerda. Mesa de jogo.

## CENA I

## ANGELINA e FIRMINO

ANGELINA — Meu caro Firmino, estás hoje com umas idéias...

FIRMINO — Que queres tu?... Pensar diversamente é que seria a maior de tôdas as asneiras. Dizem que o mundo divide-se em cinco partes, e eu entendo, que o devo resumir em duas; uma parte composta de tolos e outra de espertos... Agora, deixar que os primeiros logrem os segundos, seria uma parvoíce digna de palmatoadas!...

ANGELINA — Que queres então que eu faça?

FIRMINO — Aquilo que tens obrigação de fazer; a minha fortuna e a tua.

ANGELINA — Não te compreendo.

FIRMINO — Não há nada mais simples. Fui eu quem te lançou neste mundo, onde a vida é tôda positiva e material. A ampulheta do tempo, para as mulheres como tu, corre rápida como o pensamento, levando em cada grão de areia um traço de beleza e juventude. A estrada por onde caminhas é uma ladeira íngreme, que te faz galopar, mau grado teu. No fim está o abismo! e ai de ti, se não tiveres fôrça bastante para sustentar o animal. Encontrarás a tua gaveta vazia, tendo por consolação a cabeça cheia de cabelos brancos e o semblante enrugado!...

ANGELINA — E' o que eu digo, estás hoje de uma severidade... Creio, porém, que não tens razão. Até hoje, ainda não faltei ao meu contrato para contigo. Tenho cumprido à risca os meus compromissos e não vejo motivo...

FIRMINO — No presente. E o futuro, quem responde por êle? As cenas que últimamente se passam nesta casa, não me agradam. Apresentei-te uma roda, capaz de fazer a tua independência em cinco anos;

e essa roda fugiu tôda desde que percebeu a predileção que tinhas pelo Snr. Júlio da Costa.

ANGELINA — Predileção?!... Pois eu posso lá ter predileção por ninguém?... Júlio é um homem rico e creio que há provado bem quanto é cavalheiro, apesar mesmo de ser casado.

FIRMINO — Não digo o contrário, mas noto em ti uma certa mudança desde que êle frequenta a tua casa. Não o tratas da mesma forma que os outros. Tens para com êle certas meiguices de uma verdadeira dama de camélias, e eu não gastei o meu tempo para ver a minha obra estragada!... Deixa-me primeiro ganhar a minha vida e cuida depois da tua regeneração.

ANGELINA — Regeneração! Bonita palavra, mas cuja significação foi riscada do meu dicionário. Regenerar-me, para que?... Para ter de humilhar-me diante daqueles para quem eu hoje olho soberana e altiva? O trono da mulher perdida é um trono de ouro. Que importa que os seus degraus assentem sobre alicerces de lama?... Os nossos admiradores, os nossos vassallos não se acovardam, e dão a vida quando podem beijar um brilhante da nossa coroa, ainda quente muitas vêzes das lágrimas da última família que desgraçamos!...

FIRMINO — Ora graças!... parece que me vais compreendendo, minha rainha. Dessa forma conta comigo. Continuarei a ser teu ministro, encarregando-me de tôdas as pastas. O que nós precisamos é de dinheiro, muito dinheiro; e daqui a meia dúzia de anos formaremos então a nossa independência.

ANGELINA — Julgavas então que eu estava apaixonada por êsse homem?

FIRMINO — Em vocês não há que fiar. Uma hora estão pelos pés; outra, estão pela cabeça. Nunca se pode saber ao certo o que vocês querem. Até hoje, nunca te vi tão agarrada a um homem como a êste, e então...

ANGELINA — Parvo que tu és!... e dizes que tens experiência do mundo. Tu não vês que há capricho de minha parte em alimentar a paixão de Júlio?... Não adivinhaste que o meu orgulho e o meu amor próprio estão feridos por aquela que lhe pertence pelos laços do matrimônio?... Não sabes que Jú-



lio tem deixado de vir à minha casa por imposições de sua mulher?... Não sabes que ela, a honesta, declarou guerra a mim, a perdida? O dr. Mateus vem todos os dias à minha casa, êle está empenhado na luta e quer a todo o custo restituir Júlio ao seio de sua família. Oh! não hão de conseguir!... e ainda que eu tenha de aliar-me ao diabo, partirei mais esta cadeia de família e erguerei triunfante a bandeira do meu orgulho.

FIRMINO — Nesse caso conta também comigo, e se te posso ajudar alguma coisa...

ANGELINA — Oh! tu podes tudo. De ti depende, talvez, o bom êxito da minha emprêsa.

FIRMINO — Como?...

ANGELINA — Tu não frequentas a casa de Júlio?...

FIRMINO — Sou seu vizinho fronteiro. Vou lá unicamente quando êle me manda chamar para falar de ti.

ANGELINA — E' quanta basta. E' preciso fazer a côrte à mulher de Júlio.

FIRMINO — Oh! lá isso agora é mais sério.

ANGELINA — Tens mêdo?

FIRMINO — Não; porém creio que é trabalho perdido e eu não gasto o meu tempo à toa...

ANGELINA — À toa, quem sabe!...

FIRMINO — Sei eu. A mulher de Júlio é um modelo de honestidade.

ANGELINA — Modelo!... Também tu?... Pois é êsse modelo que quero partir, é essa honestidade que me incomoda que eu quero fazer desaparecer!... Basta que Júlio, no momento em que estiver bem preso, por mim, saiba, que sua mulher é cortejada por um homem, e eu ganharei a minha causa, tenho a certeza disso. Posso contar contigo, não é assim?

FIRMINO — Espera. Não precipites os acontecimentos. Quem é que me garante a pele?

ANGELINA — Tens mêdo e queres fazer fortuna? Pois olha, asseguro-te que êste passo talvez te fizesse ganhar alguns contos de réis.

FIRMINO — E o resultado?

ANGELINA — Nenhum. Júlio evitará o escândalo, eu o preparei para isso.

FIRMINO — Nesse caso, é negócio decidido; sou teu em carne e osso.

## CENA II

## OS MESMOS e CUSTÓDIA

CUSTÓDIA — (*entrando*) — Dá licença, Lindinha?...

ANGELINA — Oh, entre, eu a esperava com impaciência.

FIRMINO — Sua bênção, vovó. Quantas missas ouviu hoje?...

CUSTÓDIA — Não é da sua conta. Aquí está por que eu às vezes fujo de vir ver a Lindinha. O senhor Firmino está sempre disposto a faltar-me ao respeito.

ANGELINA — Vamos, Firmino, deixe a D. Custódia. Creio que sabes que sou bastante sua amiga para não tolerar êsses gracejos.

FIRMINO — Não vá zangar-se, vovó; acredite que sou incapaz de molestá-la!...

CUSTÓDIA — O senhor é um perverso, incapaz de fazer bem a ninguém. Não visa senão o seu interêsse e desconhece que neste mundo nós devemos amar ao nosso próximo como a nós mesmos.

FIRMINO — Pois olhe, vovó. Vmcê. está enganada, a senhora é a *próxima* a quem eu mais estimo na vida.

CUSTÓDIA — Pois guarde a sua estima para o tinoso, seu... não sei que diga!... Ai! que êste homem é capaz de me fazer dizer alguma heresia!... Crendo!...

ANGELINA — Vamos, sossega, Firmino. Não faça caso D. Custódia, êle tem aquele gênio, mas é bom rapaz e gosta da senhora.

CUSTÓDIA — Não duvido, mas eu não acho graça nas suas brincadeiras. Para êle tudo é pilhéria. Ouvir duas missas por dia é pilhéria; ir a uma festa é uma pilhéria. Tudo, tudo serve de base para o gracejo dêstes senhores, que nem sabem o principio das obras da misericórdia.

FIRMINO — Protesto, até aí chego eu. As obras de misericórdia foram principiadas pelo finado José Clemente Pereira.

CUSTÓDIA — Ora isto não se atura, vou-me embora... Lindinha, até amanhã.

ANGELINA — Fique, D. Custódia. Firmino, vai ver se a Joaquina e a Eufrásia já vieram do Casino e vem com elas.

FIRMINO — Vou já, porém antes hei-de fazer as pazes com



a vovó. Não quero que ela fique mal comigo nem que me guarde ódio.

CUSTÓDIA — Pode ir descansado, eu não odeio ninguém.

FIRMINO — Dê-me então uma prova.

CUSTÓDIA — Como?

FIRMINO — Respondendo a uma pergunta que lhe vou fazer, cuja resposta me é muito necessária.

CUSTÓDIA — Pode fazer a pergunta.

FIRMINO — Promete responder a verdade?

CUSTÓDIA — Nunca menti.

FIRMINO — Veja lá...

CUSTÓDIA — A mentira é um pecado torpe.

ANGELINA — Então, Firmino, vais ou não vais?

FIRMINO — Vou já. Onde está o meu chapéu? (*procurando*) — Ah! ei-lo aqui. Até logo, vovó. (*Vai sair*).

CUSTÓDIA — Então o que é que queria saber?

FIRMINO — (*na porta*) — Em que mês é que começam as novenas de S. Tomé?... Ah, ah, ah... (*Sai*).

### CENA III

#### CUSTÓDIA e ANGELINA

CUSTÓDIA — (*benzendo-se e fazendo figas*) — Eu te arrenego, tinhosol... Vai para as areias e deita n'água salgada e não me apareças, tentação maléfica!... gato preto, pé de pato, pescoço de avestruz, truz truz, três vezes cruz!

ANGELINA — Misericórdia, D. Custódia, você assim dá cabo do pobre rapaz...

CUSTÓDIA — Olhe, Lindinha, isto ainda acaba mal. E' por causa destes e outros que havemos de ter uma chuva de raios no Rio de Janeiro.

ANGELINA — Longe vá a sua profecia.

CUSTÓDIA — Pois não é assim?... estes hereges não merecem outra coisa. Criticam de todos, escarnecem tudo, vão para a igreja namorar as moças e dar beliscões nas velhas; ouvem uma missa sem atenção nenhuma, tratando dos negócios dos padres, como se isso fôsse possível. Enfim, até passou na câmara o arrasamento do Castelo só para incomodar os pobres barbadinhos.

ANGELINA — Qual! Não pense nisso. Fique certa de

que há muita gente que sente e faz justamente o contrário.

CUSTÓDIA — Felizmente. Eu cá entro nesse número, tenho orgulho de o dizer. Embora me chamem carola, que importa? Vou todos os dias duas vezes ao Castelo. Gosto dos frades, está acabado. Ainda hoje lá estive.

ANGELINA — Então já sei que esqueceu da minha comissão?

CUSTÓDIA — Não esqueci, Lindinha; é que estive tão ocupada hoje que não me foi possível vir mais cedo. Eu entreguei o seu bilhete ao snr. Júlio.

ANGELINA — Onde estava êle?

CUSTÓDIA — No seu escritório.

ANGELINA — O que respondeu?...

CUSTÓDIA — Que uma circunstância alheia à sua vontade o impediria talvez de vir; mas que faria todos os esforços para satisfazer o seu convite.

ANGELINA — Talvez não venha, é muito provável.

CUSTÓDIA — Não acredito. Êle ficou tão pálido quando leu o seu bilhete! Perguntou-me a que horas era a ceia e ficou pensativo.

ANGELINA — Oh! é a mulher que o prende. Seja como for, hei-de partir esta cadeia que me incomoda os nervos.

### CENA IV

#### AS MESMAS e DOUTOR MATEUS

DOUTOR — O médico cá está. Se houver alguma apoplexia por causa da ceia, o doente não morrerá por falta de sangria.

ANGELINA — Oh! Dr., venha cá, já estava com saudades suas.

DOUTOR — Sim?

ANGELINA — Pois duvida?... Ora, diga-me como tem passado?!

DOUTOR — Alto lá, menina, não entre na seara alheia; essa pergunta pertence-me de fato e de direito. E' ao médico que compete saber como tem passado.

CUSTÓDIA — (*baixo*) — Lindinha, eu vou-me embora. Êste Dr. gosta também de me dizer pilhérias, e depois, eu tenho que rezar o terço em casa da comadre. Até amanhã. Você tem aí dois mil réis? E' para comprar uma vela que prometi a S. Joaquim.



ANGELINA — Tome. (*Dá-lhe dinheiro*).

CUSTÓDIA — (*alto*) — Até amanhã. Boa noite, doutor!

DOUTOR — Então, já se vai, D. Custódia? E' com a minha chegada?

CUSTÓDIA — Não, doutor eu tenho que fazer.

DOUTOR — Ah! D. Custódia, a senhora é uma mulher feliz.

CUSTÓDIA — Porque, doutor?

DOUTOR — Tem uma saúde de ferro. Com a senhora a medicina não lucra nada. Os boticários devem-lhe ter muita raiva.

CUSTÓDIA — Tenha eu saúde, que com a raiva dêles pouco me importo.

DOUTOR — E como não ser assim? Veja, D. Angelina, examine a côr destas faces, a viveza dêstes olhos, deixe-me ver o pulso. (*toma-o*) — Decididamente, não me engano, é uma construção inabalável!... A senhora só pode morrer...

CUSTÓDIA — (*assustada*) — De que, doutor, de que?...

DOUTOR — De uma indigestão de novenas.

CUSTÓDIA — Boa noite! Eu logo vi. (*Sai apressada*).

## CENA V

### DOUTOR e ANGELINA

ANGELINA — Então, doutor, recebeu o meu convite?...

DOUTOR — Não precisava d'êle para vir. Sou seu médico e além disso sou seu afeiçoado. Como médico, cumpre-me fazer-lhe uma grave censura: Não é com a continuação destas ceias, nem com a vida agitada que passa, que as minhas receitas produzirão efeito. A responsabilidade do médico não deve ficar assim exposta aos caprichos de uma louquinha, que não sabe que de dia para dia arruína a sua saúde, caminhando a passos largos para a cidade da morte.

ANGELINA — Quem me dera que fôsse hoje!...

DOUTOR — Não diga isso... A continuar assim é possível que o médico se retire, mas fica o afeiçoado que lhe diz de todo o coração: Angelina, cuide da sua saúde, tenha pena de seu corpo e de sua alma. A senhora tem uma moléstia que progride espantosamente. Se o médico não pode tratar do seu corpo,

deixe ao menos que o afeiçoado purifique a sua alma.

ANGELINA — Doutor, acredite que lhe falo a verdade. Gosto de o ouvir; mas suas palavras fazem-me o mesmo efeito que as suas receitas, que nunca me saem da gaveta. O meu mal progride?... Deixá-lo, tanto melhor; muita gente estimará isso. Cuidar da minha alma, para que? Fugir do mundo, passar o pouco tempo que me resta de vida, na calma, no arrependimento e nas orações?... Quem acreditará nisso? Poucos e êsses mesmos dirão: Coitada! Foi uma tola em deixar-se morrer assim!... A mulher perdida cumpre a sua missão, é como a peste: deve passar, levando consigo as vítimas e a maldição de todos. Elas são necessárias no mundo, doutor. O que seria das estrêlas se não houvesse sol?... Para que a virtude apareça com tôdas as suas galas é preciso que haja a infâmia! O mal faz conhecer o bem, o vício torna a pureza luminosa. Para que a probidade seja respeitada é preciso que existam ladrões. Um brilhante de primeira água no meio de outros, não brilhará por certo tanto, como aquele que estiver no meio de pedras falsas. E', à vista do pó negro dos nossos vestidos de seda que se dá o verdadeiro valor ao branco vestido de cassa da mulher honesta!

DOUTOR — Concordo com a segunda parte, mas discordo completamente da primeira. Por que razão não se há de acreditar no seu arrependimento sincero, desde que a senhora o queira tornar eficaz? Então porque a fatalidade atirou-a neste oceano encapelado, segue-se que ninguém a poderá salvar do naufrágio?... Quando um doente meu apresenta os sinais de uma gangrena no braço, faço-lhe a amputação imediata, antes que a moléstia progrida, e logro por esta forma a Parca que já afiava a tôda a pressa a sua foice. A senhora é boa, Angelina, o que a mata é o seu amor próprio, é a sua vaidade de moça. O que lhe custa é deixar esta vida, em que a sua vontade é a única soberana, para sacrificar-se a uma outra rainha que a tornaria, sem dúvida, mais feliz e que se chama resignação!!!

ANGELINA — O doutor tem razão, êste mal é incurável,



deixem-me chegar ao fim. Creio que não terei de me arrepender.

DOUTOR — Quem sabe!...

ANGELINA — Oh, tenho tôda a certeza.

DOUTOR — Louca! A aurora de um dia brilhante é muitas vezes o prenúncio de um oceano tempestuoso! A calma e a placidez das ondas no alto mar, servem de prólogo para uma tragédia que ninguém teria adivinhado. Fui moço, fui extravagante, também julguei que devia sujeitar o mundo à minha vontade: caro paguei o meu arrôjo. Cada ruga que vês no meu semblante, é uma estrada por onde caminham as lágrimas do meu arrependimento.

ANGELINA — Que diz, doutor?

DOUTOR — A verdade. Isto não lhe pode interessar, porém permita-me que lhe levante uma pequena ponta do véu do meu passado. Era jovem, estudante, e no meio de todos os prazeres, a que a mocidade se dedica, lembrei-me um dia que devia ter uma amante. Fácil me foi conseguí-lo, era rico e não era feio; duas qualidades que me recomendavam bastante. Quando meu pai soube dos meus amores já eu tinha uma filha. Meu pai não me quis ouvir, não me deu tempo nem para batizar o pobre anjinho; fêz-me embarcar para a Europa imediatamente, onde completei os meus estudos. Quando voltei, tinha-se passado muito tempo, e já não encontrei nem mãe nem filho. Onde estará portanto essa criança, que deve ter hoje 24 anos de idade?... Será feliz, estará viva, estará morta?... A dúvida é uma ânsia terrível!... Aqui está porque eu lhe tenho falado tantas vezes em um futuro que a senhora não quer realizar. Vendo-a, lembro-me de minha filha e tenho medo de adivinhar ao que estará reduzida!... Já vê que eu tinha razão, sofro muito. Quando no jardim da mocidade eu colhi o botão de uma roseira, não percebi o espinho que me devia ferir na velhice.

ANGELINA — Tenha esperanças, doutor, há-de encontrá-la; e se eu puder ajudá-lo...

DOUTOR — Impossível!... Todos os meus esforços têm sido infrutíferos. Para minorar os meus sofrimentos, faço por me tornar útil ao meu semelhante o maior número de vezes possível. Quando enxugo uma lágrima, quando posso tornar alguma creatura

feliz, desviando-a do mau caminho, tenho grande satisfação. Embora me sacrifique, nessas ocasiões dedico sempre uma saudosa recordação à lembrança daquela, que talvez neste momento, amaldiçoe o autor de seus dias.

ANGELINA — Eu sou uma dessas creaturas a quem o doutor dispensa os seus bons conselhos e a bondade imensa do seu coração. Infelizmente, a minha viagem está quase terminada, seria inútil voltar para trás; não teria tempo, nem luz suficiente para chegar ao ponto da minha partida.

DOUTOR — Nunca é tarde para se praticar o bem, e por mais escura e tempestuosa que seja a noite da nossa vida, quando se tem no coração um arrependimento sincero, a luz da nossa consciência ilumina a montanha sagrada e nos faz ver a mulher do calvário abraçada aos pés da cruz. Madalena é o símbolo do arrependimento, é a imagem divina da redenção.

ANGELINA — Gosto de ouvir, doutor, porém, torno a repetir-lhe: as suas palavras não me fazem efeito. Essas ondas espumante de verdade, batem-me no ouvido, mas recuam deante do rochedo frio do meu coração estragado.

DOUTOR — Se a senhora quisesse, ainda talvez fôsse possível tudo. Por exemplo: Podia começar por desprender-se de Júlio. Praticaria com isso uma ação digna de louvores.

ANGELINA — Não sou eu que o tenho preso, êle pode abandonar-me quando quiser. A única coisa que faço é tratá-lo bem, não posso desprezar um homem rico e que diz que me ama. Isso seria ir de encontro aos meus interesses. Ainda não vi negociante que espantasse a sua freguesia.

DOUTOR — Oh! Angelina, não fale assim. Se a senhora visse como eu tenho visto a mulher de Júlio, essa santa de amor e de bondade, derramando lágrimas que queimam, pela contínua ausência de seu marido, a quem adora mais no mundo; se a visse abraçada com a sua pequena Amélia, ou rezando junto do berço de um menino enfêrmo, pensaria diversamente. E quando êsse quadro de um sofrer sublime, não lhe tocasse a alma, teria ao menos compaixão daquelas três creaturas, cuja existência a senhora



envenena dia a dia, hora por hora, minuto por minuto!

ANGELINA — A culpa não é minha, doutor. Eu sou a peste, devo passar a destruir. Mas, enfim, eu vou fazer todo o possível para satisfazê-lo, e apenas Júlio chegar...

DOUTOR — Basta que comece amanhã. Hoje estou certo que ele não virá.

ANGELINA — Olhe que se engana, doutor...

DOUTOR — Não é possível. Júlio tem um filho quase a expirar e não abandonará, pelo menos hoje, o berço do enfêrmo.

LACAIÓ — (*à porta*) — O snr. Júlio da Costa pergunta pela senhora.

ANGELINA — Já vê, doutor, que se enganou. Manda-o entrar. (*LACAIÓ sai*).

DOUTOR — Êle?!...

### CENA VI

Os mesmos e JÚLIO

JÚLIO — Querida Angelina. (*Beija-lhe a mão*) — Mais bela do que nunca. Negócios imprevistos fizeram-me demorar e por isso não vim há mais tempo para junto de ti. (*Vendo o doutor*) — Oh! Doutor, está por cá?...

DOUTOR — Cá estou no meu pôsto. O médico nunca é de mais em uma enfermaria.

JÚLIO — Como?... Há por aí alguém doente?

ANGELINA — Parece-me que não.

DOUTOR — Creio que a loucura é uma grave enfermidade, e quando eu não tivesse a certeza de que ela existe nesta casa, sinto, pelo menos, o calor de uma febre que nos há-de esaldar a todos.

JÚLIO — O doutor adivinha, é a loucura da paixão, a febre do amor que existe em meu peito; para que negá-lo?... Diante de Angelina eu me sinto verdadeiramente feliz. Para êste mal, para esta enfermidade, como o doutor lhe chama, ela é o único médico que me pode tratar.

DOUTOR — Porém se Angelina te faltar, cá estou eu para te amarrar a camisola e te pôr o competente cáustico na nuca.

ANGELINA — Pois acredita, doutor, que Júlio esteja nesse caso?

DOUTOR — Pelo menos o juízo é inquilino que não mora mais naquele sobrado.

JÚLIO — E' que o amor ocupa a casa inteira.

DOUTOR — Cuidado com êsse morador; é travesso de mais e pode incendiar-te a propriedade. Sou de opinião que a ponhas no seguro.

ANGELINA — Temos muita água na cidade.

DOUTOR — (*com intenção*) — A quem o diz!... Conheço até uma fonte que não cessa de correr; está colocada na chácara de um amigo. Pode chamar-se a fonte do desespero, é original e interessante. Representa uma mulher que chora. Cada uma gota d'água que se desprende daqueles olhos, vai depositar-se em um grande receptáculo a que podemos chamar o tanque das lágrimas. Júlio conhece bem essa fonte mas creio que ela secará, sem que possa ao menos, humedecer as cinzas quentes que devem com certeza ficar da terrível catástrofe!...

ANGELINA — Fiquem conversando, eu vou dar algumas ordens e já volto.

JÚLIO — Até já, meu anjo. (*ANGELINA sai*).

### CENA VII

DOUTOR e JÚLIO

JÚLIO — Eu compreendi perfeitamente a sua alusão, doutor.

DOUTOR — Não era muito difícil...

JÚLIO — Porém não posso acostumar-me a que o doutor me julgue culpado. E' possível por ventura dominar o impulso do meu coração?... Ainda não faltei com os meus deveres, nem com as obrigações que contraí com aquela que se ligou a mim. Dou-lhe tudo; isto que está acontecendo é a consequência de me ter prendido cedo de mais.

DOUTOR — Sim, tens razão; dá-lhe tudo. Também não sei a razão porque ela chora! Tem casa, carro, sustento, brilhantes, vestidos, tudo quanto pode querer uma mulher; que lhe importa que o marido lhe apareça poucas vêzes ou nenhuma?... A mulher não deve tomar o marido ao sério, deve considerá-lo um traste inútil. Êle vai para a esquerda, ela que vá para a direita. Há nada mais extrava-



gante nesta vida de que o amor conjugal? Desgraçado do marido a quem tal acontecer.

JÚLIO — Não tanto, doutor, eu estimo minha mulher; o que eu não quero é ver a minha liberdade privada.

DOUTOR — Apoiado, e fazes muito bem; o homem é livre, a mulher é escrava. O matrimônio é um laço que liga duas criaturas; o homem cujos direitos e superioridade são incontestáveis, desata a ponta que o prende, porém, tem sempre o cuidado de amarrar a outra ponta no pescoço da parte que fica; e ei-lo pois no mundo, gritando como tu, sou livre, quero gozar a minha mocidade. O que acontece? a parte que fica acompanha todos os seus gestos, todos os seus movimentos, todos os seus passos e não querendo manchar a sua pureza, estorce-se ao apêrto dêsse laço recebido à face do altar, que seu marido transforma na corda de linho do mais vil de todos os carrascos.

JÚLIO — Oh! doutor, quanta severidade!...

DOUTOR — Não é severidade, é justiça. Acha o meu amigo Júlio que o seu lugar é aqui? Acha justo que sua mulher esteja a esta hora agarrada ao berço de seu filho, quase a expirar, enquanto o senhor se agarra a uma mulher, cujo único fim é fazê-lo representar um papel tristíssimo na comédia da sua vida?

JÚLIO — O doutor engana-se. Angelina ama-me, tenho provas disso.

DOUTOR — E o que vale êsse amor? paga êle por ventura o sofrimento que causa? O teu dinheiro compra os sorrisos desta mulher; porém creio que não acharás moeda com que possas pagar uma só lágrima que fazes cair sôbre o soalho do teu lar doméstico. Desde ontem que não vais à casa. Se te não merece nada a espôsa, vai ao menos ver teu filho prestes a partir para o céu.

JÚLIO — O doutor quer assustar-me; o meu pequeno Júlio não há-de morrer assim de repente.

DOUTOR — Talvez a morte te faça essa fineza; esperará para quando tiveres vontade que êle morra.

JÚLIO — Os médicos são sempre assim. Agravam as moléstias para que as suas curas tenham mais valor. Quer-me parecer que amanhã vou encontrar meu filho quase restabelecido. A moléstia das crianças ilude muito.

DOUTOR — Pode ser até que o encontres de perfeita saúde. Para que diabo estudei eu? abaixo a ciência e viva o teu raciocínio paternal. Assim é que é viver. Fora o médico, fora o amor de pai, lugar ao homem da moda e viva a pândega!...

## CENA VIII

OS MESMOS, ANGELINA, EUFRÁSIA, JOANA, JOAQUIM PATO e FIRMINO.

FIRMINO — (*entrando com as duas pelo braço*) — Apoiado, doutor, viva a pândega! aqui lhe trago duas formosas marrecas com o seu competente pato; já não falta tudo.

EUFRÁSIA — Já tu comes a dizer tolices!...

PATO — Não faças caso, êle bebeu cerveja comigo no Casino, por isso ficou espirituoso.

FIRMINO — Outro tanto não lhe aconteceu, meu velhote, hein?... Oh!... prodigiosa natureza, como tu és imensa!... Êste pato nunca sai do sério, está sempre no chôco.

ANGELINA — Com efeito, vocês souberam demorar-se!...

JOANA — O espetáculo prolongou-se.

FIRMINO — E houve rôlo; excusado é dizer que eu não perco estas coisas...

PATO — Não lhe gabo o gôsto. Por dá cá aquela palha, é cascudos e ponta-pés que vai tudo raso. Antes de ontem, na ocasião de um dos costumados sarilhos, vou procurar a Eufrásia, e um patife passa-me uma rasteira e atira comigo por cima de uma mesa.

JÚLIO — Devia ter-se machucado.

PATO — Nem por isso. O diabo é que rasquei um par de calças novas.

FIRMINO — Quiseram depenar o pato, hein?... Antes lhe tivessem rasgado a pele. (*JÚLIO e ANGELINA conversam no sofá*) — Era mais uma cura para o nosso doutor Mateus.

DOUTOR — Não costume tratar de patos, gosto mais de operar gaviões.

JOANA — Ora apanhe lá essa, senhor engraçado.

FIRMINO — Oh! o doutor é um homem rico; não se incomoda com pequenas coisas, prefere operar gaviões, sempre é pássaro mais gordo. E' como a febre amarela ou o Cholera-Morbus. Durante uma epide-



mia o médico engorda, vai aos hospitais, mata por atacado; e à proporção que as sepulturas se enchem de cadáveres, êle vai enchendo igualmente as algibeiras de notas de banco.

DOUTOR — Isso ainda não é nada. Se nós pudéssemos tratar de tôdas as epidemias, ficaríamos ricos muito mais depressa e receberíamos as bênçãos de muita gente.

PATO — Há alguma epidemia que o médico não possa tratar dela? Não conheço.

DOUTOR — Oh! se há.

JOANA — E' moléstia perigosa, doutor?

DOUTOR — Para o doente, não; para aqueles que convivem com êle, sim.

FIRMINO — Explique-se, doutor.

PATO — Diga-nos o nome da tal moléstia.

DOUTOR — Chama-se: a epidemia dos canalhas!...

EUFRÁSIA — Deve ser interessante a sua descrição.

DOUTOR — E' uma espécie de tísica de todos os sentimentos humanos. Cinismo tuberculoso que ataca a creatura, fazendo-a descer até ao nível do mais asqueroso verme. Espécie de lepra que ataca as faces, cobrindo-as de um estanho quase negro. Só há um médico que pode tratar dessa gente e um único hospital que recebe: é o Doutor Chefe de Polícia e a Casa da Correção.

JOANA — Deus nos livre de tal epidemia.

FIRMINO — Se fores atacada do mal eu mando logo chamar o médico.

JOANA — Cuida primeiro de ti que já não é pouco.

PATO — Se te vejo ainda a caldos no hospital de Catumbí...

FIRMINO — Só se for a caldos de pato. Tenho esperanças de te ver por lá primeiro que eu.

PATO — Longe vá o teu agouro.

EUFRÁSIA — Então não se ceia, Angelina? eu já estou com fome.

PATO — Que é isso, rapariga, ainda não perdeste êsse vício?...

EUFRÁSIA — Não está má essa; veja lá se eu sou cavalo do inglês.

ANGELINA — Espera, Eufrásia; vou mandar pôr a mesa. (*Quer sair*).

JÚLIO — Não te incomodes, querida. Então não estou eu aqui para te obedecer? Desculpa se tomo tanta li-

berdade em tua casa. Vou mandar pôr a mesa e volto num pulo, contanto que tenha, por obrigado, um beijo teu.

ANGELINA — Criança! toma-o já adiantado! (*JÚLIO beija-a na testa e sai*).

## CENA IX

## OS MESMOS MENOS JÚLIO

FIRMINO — E nós, enquanto esperamos, vamos jogar o solo. Quer vir, doutor? (*Sentam-se à mesa do jôgo, Eufrásia, Joana, Joaquim Pato e Firmino*).

DOUTOR — Obrigado, eu creio que o número dos parceiros está completo e igual. Há muito tempo que não vejo uma quadrilha tão perfeita. (*Senta-se no sofá perto de Angelina*).

PATO — Quem dá cartas?

JOANA — Sou eu. (*Vendo*).

EUFRÁSIA — Vamos a isto, que eu quero disfarsar a fome. (*JOANA dá cartas*).

ANGELINA — (*à meia voz*) — Então, doutor, conseguiu alguma coisa?

DOUTOR — Absolutamente nada. (*Pausa*).

PATO — Solo.

EUFRÁSIA — E' bom.

DOUTOR — (*baixo*) — Creio que aquele coração está completamente perdido para sua mulher.

FIRMINO — (*alto*) — Melhor.

JOANA — Tudo é bom para mim.

ANGELINA — Acredito, doutor, que se estivesse nas minhas mãos...

DOUTOR — A senhora pode tudo. Uma palavra sua, um gesto seu, seria bastante para o arredar daqui e conduzi-lo para junto de seu filho, que talvez neste momento já seja cadáver.

ANGELINA — Que diz, doutor?...

DOUTOR — E' verdade. (*Tira um bilhete*) — Leia êste bilhete e veja nestas quatro linhas o desespero de uma mulher.

ANGELINA — (*Lendo*) — "Meu bom amigo, meu marido não vem à casa desde ontem. Venha ver-me; o senhor é a única pessoa nesta vida que me estima de véras. Êste isolamento mata-me. Maria."



- DOUTOR — Vê, Angelina?... Aqui está porque lhe peço que restitua Júlio à sua família.
- ANGELINA — Bem, doutor, confie-me essa carta; vá ter com Júlio, não lhe diga nada; apresse a ceia, e dou-lhe a minha palavra que antes dela terminar tudo estará acabado entre nós.
- DOUTOR — Deus abençoe a sua resolução. Até já. (sai).
- ANGELINA — Foi o diabo que ma sugeriu, doutor. Caíste como um menino de escola. Esta carta vale muito mais do que tu pensas...
- PATO — (levantando-se zangado) — Ora, isto não se atura! Então a senhora puxa por uma dama sêca fazendo-me entregar o meu ás de trunfo ao solante?
- FIRMINO — A Joana pensa que o solo é bisca de sapateiro.
- JOANA — Ora viva; eu também já estou com fome, começo a sentir câimbras no estômago...
- EUFRÁSIA — Se isto se demora mais, vou ceiar no Consoli ou no Mangini.
- ANGELINA — Esperem, gulosas, já se está pondo a mesa.
- EUFRÁSIA — Ora graças!... (Joaquim Pato, Joana e Eufrásia formam um grupo no fundo).
- ANGELINA — Ouve, Firmino.
- FIRMINO — Pronto...
- ANGELINA — Lê êste bilhete.
- FIRMINO — (depois de ler) — Êste bilhete é da mulher de Júlio?
- ANGELINA — E'.
- FIRMINO — Oh! que achado! isto é uma mina para os teus projetos.
- ANGELINA — Ainda bem que me compreendeste. Com esta arma o golpe será seguro.
- FIRMINO — (guarda o bilhete) — O resto fica por minha conta.
- ANGELINA — Muito bem.

## CENA X

OS MESMOS, JÚLIO e logo depois o LACAIO  
E UMA DESCONHECIDA

- JÚLIO — Para a mesa, meus senhores.
- JOANA e EUFRÁSIA — (batendo nas costas de Joaquim Pato) — Aleluia! Aleluia!
- PATO — Basta, meninas; não me batam nas costas que provocam a tosse.

- FIRMINO — Elas entendem que não há aleluia sem Judas para ser malhado.
- JÚLIO — Então, Angelina, vamos para a mesa.
- ANGELINA — Sim, vamos. Doutor, venha conosco; venha ver como eu cumpro com as suas ordens.
- FIRMINO — Esperem, isto vai por ordem. Júlio e Angelina na frente; segue-se o Pato com a marreca; a outra marreca vai comigo, a menos que o Doutor não lhe queira dar a honra.
- DOUTOR — Sem cerimônia, está muito bem empregada.
- FIRMINO — Coluna, avança; dobrado marche. (Vão a sair).
- LACAIO — (entrando) — Minha senhora, está lá em baixo uma senhora que deseja entrar.
- ANGELINA — Não a conheces?
- LACAIO — Traz um véu que lhe cobre o rosto.
- FIRMINO — Há-de ser a beatíssima D. Custódia.
- LACAIO — Não me parece.
- ANGELINA — Mande-a subir. (O LACAIO sai) — Há-de ser provavelmente alguma desgraçada que tem fome, ou vem pedir alguma esmola...
- JÚLIO — Tão tarde!...
- DOUTOR — Meu amigo, a fome e a desgraça não têm relógio certo.
- FIRMINO — Ei-la. (A DESCONHECIDA aparece na porta do fundo, está toda vestida de preto, e um grande véu cobre-lhe o rosto).
- ANGELINA — Que quer, minha senhora?... Entre, está trêmula... (Quer segurá-la, esta afasta-se) — Tem fome?... Venha ceiar conosco. E' esmola que quer? Diga-o, não tenha medo.
- DESCONHECIDA — (com esforço a princípio) — E' isso... sim... venho pedir uma esmola...
- JÚLIO — Esta voz!...
- DOUTOR — Oh! meu Deus!
- DESCONHECIDA — (erguendo o véu) — Venho pedir a meu marido para vir abençoar seu filho que acaba de expirar!...
- TODOS — Oh!...

Cai o pano.

FIM DO 1.º ATO.



## LÁGRIMAS DE MARIA

## A T O 2.º

Casa de Júlio. Sala rica, mobiliada com luxo. Sofá à esquerda. Mesa à direita com preparos de escrita. Janelas ao fundo e portas.

## CENA I

MARIA e AMÉLIA

(*MARIA escreve à direita e AMÉLIA brinca com a boneca à esquerda no sofá*).

AMÉLIA — (*falando com a boneca*) — A menina está hoje muito travêssa. Vamos, venha estudar a sua lição. (*Abre o livro*) — Que letra é esta?...

MARIA — (*lendo o que escreveu*) — "Júlio, adeus; o martírio é superior às minhas fôrças. Não posso mais; morro perdoando-te e que Deus me perdoe também este horrível pecado. Maria". (*Fecha a carta e põe no envelope*).

AMÉLIA — Então a menina não quer dizer que letra é esta?... Pois fique de castigo. Hoje não vai brincar no jardim e há-de passar sem doce.

MARIA — (*olhando para Amélia*) — E aquele anjo? Terei fôrças para me separar dêle?

AMÉLIA — (*correndo para Maria*) — Mamãe, sua neta está hoje insuportável; não soube a lição e continua a fazer travessuras.

MARIA — Espera, minha filha, eu vou ralhar com ela. (*Dando-lhe a carta*) — Leva esta carta, põe em cima da mesa do meu quarto e volta já. (*AMÉLIA sai. Vai ao sofá, toma a boneca, contempla-a e diz entre lágrimas*) — Filha de minha filha, alegre sonho da infância, o teu despertar é triste e cheio de lágrimas!... (*senta-se e põe a boneca no colo*).

AMÉLIA — (*entrando*) — Ora, mamãe, não ponha essa manhosa no colo; ela hoje só merece palmadas!... (*dá-lhe*).

MARIA — A senhora D. Amélia está hoje muito nervosa. Uma boa mãe não deve bater nos filhos por qualquer coisa.

AMÉLIA — Ela não é de carne, por isso é que eu dou.

MARIA — Ah! então se ela fôsse de carne...

AMÉLIA — Não precisava de castigos. A mamãe nunca me bateu...

MARIA — Como tu és boa, minha querida filha!...

AMÉLIA — Aprendi com a senhora e com papai a ser assim. Papai gosta tanto de mim e gostava tanto do maninho que morreu, que desde que êle foi para o Céu ficou triste, e não brinca mais comigo como dantes.

MARIA — Tens saudades de teu irmão, minha filha?

AMÉLIA — Muitas. Olhe, a mamãe quer saber?... Quando eu estou dormindo, não sei o que é, mas vejo um bando de meninos, montados em umas nuvens lá do Céu, tocando cornetas e tambores; outros cheios de fitas de prata, e com cestas de flôres. No meio dêles, numa cadeira de ouro, está N. Senhora; e o maninho que está ao pé dela, não faz senão chamar-me assim com a mão. "Vem, Amélia, vem cá, vem brincar comigo". Se eu pudesse ir lá...

MARIA — Amélia!

AMÉLIA — Então o que tem?... Os anjos são tão bonitinhos!... Estão sempre rindo e saltando!...

MARIA — Mas, nesse caso, para ires ver teu irmão, tinhas de abandonar tua filha para sempre e isso havia de fazê-la chorar bastante.

AMÉLIA — Qual! Ela não sente nada!...

MARIA — (*com intenção*) — Então também tu não sentirias se eu tivesse vontade de ir ver teu irmão e te deixasse sôzinha?...

AMÉLIA — Como não havia de sentir? Há muita diferença. A minha filha é de pau e pano e eu sou de carne e osso!...

MARIA — E tua mãe, Amélia, o que seria dela se tu fôsses brincar com teu irmão? (*Chora e abraça-a*).

AMÉLIA — Não chore, mamãe, eu não vou. Olhe, se êle chamar hoje, eu peço a N. Senhora para irmos juntas.

MARIA — Filha!...

AMÉLIA — Mamãe!...

## CENA II

AS MESMAS e JÚLIO

JÚLIO — (*entrando*) — Oh! Chego em boa ocasião! Vem abraçar-me, Amélia.



- AMÉLIA — (*correndo a êle e abraçando*) — Papai!...
- JÚLIO — Veiu alguém procurar-me, Maria?...
- MARIA — Não.
- JÚLIO — O Caixeiro do Farani não veio cá?
- MARIA — Veiu.
- JÚLIO — Trouxe o broche que te comprei?
- MARIA — Trouxe.
- JÚLIO — Que tal o achas?
- MARIA — Lindo.
- JÚLIO — Estás agora mais contente comigo, não é verdade?
- MARIA — Estou.
- JÚLIO — Vamos para Petrópolis passar o resto do verão?
- MARIA — Não.
- JÚLIO — Porque?
- MARIA — Estimaria fazer uma viagem mais longa.
- JÚLIO — Que dizes, Maria, começamos?
- MARIA — Não, eu creio que isto está acabado. (*Chora*).
- JÚLIO — Maria, tu choras?... Olha Amélia que nos observa.
- AMÉLIA — (*correndo a ela*) — Mamãe, não chore, papai já está aí.
- MARIA — Não, minha filha, eu não estou chorando.
- AMÉLIA — Então eu não estou vendo?... Papai é que tem a culpa. Olhe, faça como eu; dê um beijo em mamãe e verá como ela fica contente!...
- JÚLIO — Sim; eu vou beijá-la. Vai brincar lá dentro.
- AMÉLIA — (*saindo*) — Um beijo bem grande, senão fico mal com papai. (*Sai*).

## CENA III

## JÚLIO e MARIA

- JÚLIO — Aquí está ao que a senhora me expõe todos os dias. Agora já não são os conselhos do Dr. Mateus; tenho até de sofrer as repreensões de minha própria filha!
- MARIA — Sei que sou culpada, mas que fazer? Não posso habituar-me. Tenho feito todos os esforços para conseguir dominar a fraqueza do meu sentimento, mas é impossível! Perdão, Júlio, perdão!...
- JÚLIO — Perdoar-lhe o que?... Se alguém teve necessidade de perdão fui eu; porém, creio que depois que o obtive de ti, tenho feito o possível para não contrariarte. Julgo que não ousarás desmentir-me.

- MARIA — Não.
- JÚLIO — Para que são pois essas lágrimas constantes, fazendo correr igualmente o pranto de minha filha?
- MARIA — Deixe-a chorar, Júlio; aquele pequeno regato de dor, tem bastante espaço neste oceano de amarguras.
- JÚLIO — Mas há-de convir que esta posição é terrível para mim. Não sei o que hei-de fazer! Desde aquela noite em que a senhora se esqueceu do que era, para subir as escadas de Angelina, provocando um escândalo inaudito, que eu nunca mais lá voltei.
- MARIA — Tens razão. Eu descí, quando subí aqueles escadas; mas eu estava louca deante do cadáver de meu filho e tudo me deve ser desculpado. Nunca eu tal praticasse. Caro tenho expiado a minha loucura.
- JÚLIO — Não sei porque! nunca mais voltei a essa casa.
- MARIA — O que não impede de te encontrares com essa mulher em outra!
- JÚLIO — Maria!
- MARIA — Oh! Júlio, perdoa-me. Será talvez a última vez que te falo neste assunto. Amo-te muito, é êste todo o meu crime. Eu era uma menina pobre, causando-me contigo fiquei rica! Não foi por certo o teu dinheiro que constituiu a minha felicidade; não foi o teu ouro que me deslumbrou; foi o tesouro do teu coração, foram os dotes de tua alma meiga, foi o teu amor imenso, do qual eu era a única senhora. Lembraste, Júlio, desse tempo?... Conservas ainda algum raio dessa luz que iluminava a nossa ventura?... O sol que se escondia, o dia que se levantava, os suspiros da vaga, a chuva que caía, o cantar dos pássaros, estrêlas e nuvens, flôres e frutos, tudo invejava a nossa alegria e parecia despeitado diante da grandeza do nosso amor! Era isto que fazia a minha riqueza, que me tornava milionária!... Hoje estou pobre, mendigo um sorriso e voltam-me as costas!... As chamas de um amor impuro incendiaram o palácio da minha felicidade! O meu cofre está vazio; e o sol que se esconde, o dia que se levanta, a vaga que suspira, a chuva que cai, o cantar dos pássaros, estrêlas e nuvens, flôres e frutos, tudo parece dizer: Chora, Maria. E' tudo quanto te resta.



JÚLIO — Amofinas-te sem razão. Não somos casados há dois dias e a lua de mel já lá vai há muito tempo. Eu não hei-de estar todos os dias agarrado ao teu vestido, ou de joelhos a teus pés para dizer-te: Maria, eu te amo, eu te amo sempre. Isto seria ridículo. Amo-te, respeito-te, considero-te, mas não posso agora estar a representar todos os dias um galã de comédia.

MARIA — Não exijo tanto, ou antes, não exijo nada. Não te peço que faças diante de mim um galã de comédia; mas vê se em nome da tua própria dignidade, deixas de representar o papel de amoroso de farsa. Não te peço mais o teu amor, mas ao menos, em nome da nossa filha, não me atires com o teu desprezo.

JÚLIO — Maria, isto é demais... A paciência exgota; se não sou nenhuma criança; sou teu marido e cumpro os meus deveres, nada te falta, e não devo tolerar estas cenas.

MARIA — Tens razão; eu é que sou uma louca em me ocupar destas cousas. Não me falta nada; tenho jóias, chapéus, vestidos, carro, tudo... que mais quero eu? As carícias do espôso? Tolice. O que vale isso diante de um broche de brilhantes ou de um vestido de seda?... A mãe de família é sempre ridícula com certas exigências. Para que há-de ela querer todos os dias que um pai beije e abençoe sua filha se lhe não falta nada!... O marido tem o direito de se entregar a outra desde que cumpra os seus deveres. A mulher casada não pode perscrutar os segredos do seu coração. Ama-o muito? que importa! Tem ciúmes? esqueça-os! Tem coração? esmague-o! Tem dignidade?... humilhe-se! E quando lhe disserem na rua; ali vai a sua rival, é a amante de seu marido: a mulher casada deve orgulhar-se da sua posição e bradar bem alto: que importa, não me falta nada!

JÚLIO — Se é por esta forma que a senhora pretende obter algum resultado, engana-se. E a prova é que vou sair imediatamente. (*Quer sair*).

MARIA — Perdão, Júlio, perdão; fui injusta contigo. Tu me amas sempre, não é verdade? Eu não sei o que digo; tu és bom e sou eu quem te faço mal!...

CRIADO — Meu amo, está lá em baixo uma senhora idosa que o procura.

JÚLIO — Mande subir.

MARIA — Eu vou para dentro. (*Enxuga as lágrimas*) — Vês, já sou outra! Estás contente, não é assim? Jantarás comigo e passaremos a tarde em companhia da nossa querida Amélia. Até já. (*Sai D.A.*)

## CENA IV

## D. CUSTÓDIA e JÚLIO

(O CRIADO conduz D. CUSTÓDIA e sai. Ela traz uma vela de cera na mão).

JÚLIO — (*correndo a ela*) — Ah! é a senhora? Sente-se para aqui e fale baixo. Minha mulher está lá dentro.

CUSTÓDIA — Ai, meu rico snr. Júlio, Deus me perdoe, mas estas comissões não são para mim. Cada vez me arrependo mais de me haver metido nestes negócios. Os senhores são moços, e é fogo de um lado, fogo de outro, que se a gente não tomar sentido, fica reduzida a torresmos.

JÚLIO — Angelina está resolvida a ir viver comigo em Petrópolis?

CUSTÓDIA — Qual! Não quer até que lhe falem no seu nome! Entretanto, leva a chorar dia e noite e a dar cada suspiro!... Credo! que parece que se abre o peito.

JÚLIO — A senhora não explicará êste capricho de Angelina? Há oito dias que isto dura; não quer mais ver-me e até já mandou entregar a chave da casa que tínhamos alugado em Botafogo.

CUSTÓDIA — Lá disso é que eu não sei. Que ela gosta do menino, isso é que não padece dúvida! Sou capaz até de jurar pelas alminhas do purgatório.

JÚLIO — A senhora tem-lhe dito o meu estado?... Tem-lhe feito conhecer o quanto tenho sofrido êstes dias?

CUSTÓDIA — Tenho-lhe dito tudo. Até acrescentei por minha conta e risco que o menino não estava muito certo da cabeça.

JÚLIO — E disse a verdade. Se isto continuar, não respondo por mim, e quem sabe até onde me levará esta paixão!

CUSTÓDIA — Ai, credo! Sossegue, menino, não faça to-



lices! E' o que eu digo, chega a gente aqui; eu morro, não posso estar sem vê-la; vai a gente para lá: não me fale dêle, não quero ouvir o seu nome; e zás, aí temos um ataque! Tenho-me visto tonta! Safa!... Bem faço eu. Amor?... Amor é cupim, que nunca entrou, nem há-de entrar dentro desta casa!

JÚLIO — (*caindo numa cadeira*) — Oh! Angelina! Como eu te amo, e como tu me fazes sofrer!

CUSTÓDIA — Porque não faz o menino uma promessa a S. Gonçalo Garcia? Aquilo é santinho muito milagroso!

JÚLIO — A senhora não pode avaliar o quanto se sofre quando se ama apaixonadamente!...

CUSTÓDIA — Nem Deus tal permita. Credo!... Anda a gente sempre aos soluços, e com cara de criança desmamada.

JÚLIO — Oh! Angelina, Angelina!

CUSTÓDIA — Porque não fala ao snr. Firmino? Éle deve saber alguma coisa; é o confidente particular da Lindinha.

JÚLIO — Lembrou bem, vou mandá-lo chamar. (*Toca a campainha, o CRIADO aparece*) — Veja se o sr. Firmino está em casa e diga-lhe que chegue até aqui. (*O CRIADO sai*).

CUSTÓDIA — Vou-me chegando; não quero encontrar com aquele descarado! Preciso mesmo ir à igreja do Rosário levar esta promessa. Ai! Credo!... Agora é que eu reparo! a vela está partida! Havia de ser quando subí a escada. Caiu-me da mão. Como há-de ser isto agora?...

JÚLIO — Não tem dúvida, compre outra, aqui tem. (*Dá-lhe dinheiro*).

CUSTÓDIA — Oh! meu rico snr. Júlio. Deus o ajude e o faça feliz!...

## CENA V

### OS MESMOS e FIRMINO

FIRMINO — (*entrando*) — Per omnia sæcula sæculorum.

CUSTÓDIA — Cruzes, tinhoso!... (*saindo*).

FIRMINO — (*na porta*) — Venha cá, vovó; a procissão ainda não saiu. (*Voltando-se para Júlio*) — Aquí estou, temos alguma novidade?

JÚLIO — Mandei-te chamar, porque é o único que podes neste momento prestar-me um grande serviço.

FIRMINO — Estou completamente às tuas ordens.

JÚLIO — Tu conheces a minha enfermidade; tens acompanhado passo a passo tôdas as suas fases, podes portanto achar o remédio de que necessito.

FIRMINO — Se achas que posso ser o teu médico e o teu farmacêutico, botica e receita estão ao teu dispor. Fala.

JÚLIO — Trata-se de Angelina.

FIRMINO — (*examinando-o com ares de médico*) — Um!... moléstia incurável... amor paludoso, febre que ataca o coração, a algibeira e o cérebro ao mesmo tempo!... Tenho estudado sèriamente esta enfermidade e ainda não descobri medicamentos para combatê-la!... Se alivio o coração ataco a algibeira; se defendo a algibeira, faço mal ao coração. E se consigo curar o coração e a algibeira, o cérebro começa a dar voltas e aí fico eu com tôda a minha ciência perdida!

JÚLIO — Não graces; não estou agora em estado de poder acompanhar-te nesse tom. Falo sèriamente e espero que me ouças, ajudando-me a sair da terrível posição em que me acho.

FIRMINO — Pois fala.

JÚLIO — Eu amo Angelina.

FIRMINO — E depois?

JÚLIO — E Angelina despreza-me.

FIRMINO — Pois faze como o Laurindo da Galatéia. "Queres vingar-te dela sossegado? Desprezou-te, despreza-a, estás vingado!"

JÚLIO — Peço-te que não continues, Firmino.

FIRMINO — Que queres tu que eu faça?... que queres que te diga? O teu estado não admite observações. Se eu te disser, "Foge de Angelina"; "o amor daquela mulher não te convém"; tu mandas-me ao diabo com certeza e és capaz até de brigar comigo.

JÚLIO — Por compaixão, Firmino, eu te peço. Angelina tinha tudo disposto para partir comigo, e de repente, sem que me desse a mais pequena explicação, rompeu com tudo, fechando-me até as portas da sua casa.

FIRMINO — Caprichos! Oh! Tu não conheces estas mulheres! Acredita-me Júlio, apaixonar-se, em 1874,



um homem, por uma destas creaturas, é cavar com suas próprias mãos o abismo que deve tragá-lo. Antigamente ainda se podia descobrir um caminho seguro para chegar-se ao Pôrto de salvamento; hoje, porém, não há farol, não há guia, o naufrágio é certo! Estas mulheres pesam na mesma balança o bem e o mal, e o fiel conserva-se sempre em perfeito equilíbrio! Desgraçam famílias com a mesma facilidade com que matam a fome de um pobre! Riem-se quando passa um entêrro e choram quando lhes morre a cadelinha! Rastejam como a cobra, assanham-se como o tigre, choram como crianças, rugem como panteras, curvam-se como escravas e erguem-se como rainhas! Vê lá se podes compreender isto!... Eu confesso, apesar de tôda a minha prática, estou sempre marchando no mesmo terreno; ainda não adiantei um passo.

JÚLIO — Deve haver contudo uma razão, para que ela proceda desta forma com um homem, a quem não cessava de protestar amor verdadeiro. Suas promessas, seus planos, suas esperanças, tudo enfim, se resumia em nossa íntima convivência. Deves conhecer, portanto, a causa desta mudança. Peço-te como amigo que me digas tôda a verdade.

FIRMINO — Isso vai afligir-te ainda mais.

JÚLIO — Eu exijo.

FIRMINO — Então lá vai por tua conta. Angelina parte brevemente para a Europa.

JÚLIO — Ela!

FIRMINO — Ela, sim!... Há nisto algum mistério, porém, eu já te disse, não entendo esta casta de gente! Apareceu-lhe um Conde russo que a quer levar consigo. Quis obstar semelhante partida, porém ela respondeu-me: "não posso mais estar no Rio de Janeiro. Se ficasse aqui, a desgraça de Júlio seria inevitável! Tenho feito um papel ridículo; não devo ter contemplações com quem as não merece." Pedí-lhe a decifração dessa charada sem conceito, não ma quis dar. Olhou para mim e pôs-se a chorar!... Compreendes isto, nem eu!

JÚLIO — Sei o que devo fazer, corro à casa de Angelina.

FIRMINO — Seria uma imprudência.

JÚLIO — Estou resolvido a tudo. Rasgarei hoje mesmo o véu que oculta talvez uma grande infâmia.

FIRMINO — Vê lá o que fazes.

JÚLIO — Espera-me aqui, eu volto já. Ai vem Amélia. Entretém-te com ela, e vê que Maria nada desconfie.

FIRMINO — Pois sim, eu fico; mas sossega e não pratiques alguma loucura.

JÚLIO — Não, fica descansado. (Sai).

## CENA VI

FIRMINO e logo AMÉLIA

FIRMINO — (só) — Enfim, eis-me senhor da praça. O quarto de Maria é aquele! Sinto uns calafrios! queira Deus que eu não faça alguma que me dê na cabeça! Angelina prometeu arranjar a coisa de forma que o meu pêlo ficasse em segurança! Ah! dinheiro! dinheiro!... a quanto obrigas!... Não há remédio, o carnaval é daqui a dois meses e eu estou sem vintém!... Alerta que aí vem a menina!...

AMÉLIA — (entrando com a boneca) — Papai já se foi?  
FIRMINO — Foi, mas volta já. Venha cá, D. Amélia, como está bonita hoje!...

AMÉLIA — Meu proveito!

FIRMINO — Então está zangada comigo? Não me quer dar um beijo?

AMÉLIA — Eu não gosto do senhor.

FIRMINO — E porque?

AMÉLIA — O senhor quando vem aqui, sempre o papai sai e a mamãe fica chorando.

FIRMINO — Mas eu não sou o culpado. O papai sai, porque vai para os seus negócios; e a mamãe chora porque tem saudades dêle.

AMÉLIA — Papai não tem negócios a tôda a hora; é o senhor que vem sempre trazer novidades.

FIRMINO — E é por isso que a menina tem raiva de mim?... Ora, vamos, façamos as pazes. Olhe que eu sou muito seu amiguinho.

AMÉLIA — Eu é que não quero ser sua amiguinha.

FIRMINO — Ah, sim, devéras?... pois não lhe conto o que papai foi fazer.

AMÉLIA — (curiosa, correndo a êle) — O que foi?

FIRMINO — (fingindo-se amuado) — Não conto, a senhora não gosta de mim!...

AMÉLIA — Gosto, gosto. Conte, senhor Firmino, eu sou muito curiosa.



- FIRMINO — Isso é defeito de moça.  
 AMÉLIA — Eu não sou moça, sou menina. Mas diga o que o papai foi fazer.  
 FIRMINO — Só se me der um beijo.  
 AMÉLIA — (*dando-lhe à face*) — Ai está.  
 FIRMINO — Ora muito bem. O papai foi comprar um relojinho muito bonitinho para a menina.  
 AMÉLIA — E' de dar corda?  
 FIRMINO — E' sim...  
 AMÉLIA — Que belo!... Como estou contente.  
 FIRMINO — Então, ainda tem raiva de mim?... Ora venha cá, deixe ver a sua boneca. (*Pega na boneca*)  
 — Bravo! Como é bonita!... Já foi batizada?  
 AMÉLIA — Ela ainda não tem vestido.  
 FIRMINO — Pois eu compro um bem bonito; quero que ela seja minha afilhada.  
 AMÉLIA — Ela já tem padrinho, é papai.  
 FIRMINO — Nesse caso ficará sendo minha filha.  
 AMÉLIA — Também não pode ser.  
 FIRMINO — Porque?  
 AMÉLIA — Porque eu sou filha de mamãe e papai é casado com ela.  
 FIRMINO — Pois o que tem isso? Eu caso com a menina.  
 AMÉLIA — Não posso, sou muito pequena.  
 FIRMINO — Esperarei que fique da minha altura.  
 AMÉLIA — Ora! Quando eu for do seu tamanho já o senhor terá crescido outro tanto. Eu não quero casar com gigantes.  
 FIRMINO — Tem tôda a razão. Em todo o caso, a boneca há-de ter o seu enxoval. Porém eu quero comer o doce e beber o chá.  
 AMÉLIA — Ah, isso sim.  
 FIRMINO — Haveremos de dansar, cantar, brincar, fazer o jôgo da palhinha...  
 AMÉLIA — E a cabra cega. Lá no colégio eu agarrava tôdas as meninas.  
 FIRMINO — Ora! E' porque elas eram tolas!...  
 AMÉLIA — Tolas?... bem espertas que eram; mas não podiam comigo.  
 FIRMINO — Sim? Ora, aposto em como a menina não é capaz de me agarrar?...  
 AMÉLIA — Quanto aposta?  
 FIRMINO — Se a menina for capaz de me agarrar, eu não

- só dou o enxoval, como os doces, o pão de ló; enfim, tudo, para o batizado da boneca.  
 AMÉLIA — Valeu. (*Dá-lhe o lenço*) — Amarre o meu lenço nos olhos.  
 FIRMINO — (*vedando-lhe os olhos*) — Pronto.  
 AMÉLIA — Mas não vá para muito longe.  
 FIRMINO — Não, eu não saio do meio da sala. Fico segurando na sua boneca.  
 AMÉLIA — Vá lá, comece.  
 FIRMINO — Cabra cega, donde vieste?  
 AMÉLIA — Do moinho.  
 FIRMINO — Que me trouxeste?  
 AMÉLIA — Um saco de farinha.  
 FIRMINO — Me dá um pouquinho?  
 AMÉLIA — Não dou, não.  
 FIRMINO — Pois então, procura quem te deu. (*dá-lhe uma pequena pancada na mão e afasta-se*).  
 AMÉLIA — (*procurando*) — O senhor onde é que está?  
 FIRMINO — Aqui. (*encaminhando-se para o quarto de Maria*).  
 AMÉLIA — Não vá para muito longe.  
 FIRMINO — Não. (*Baixo, olhando para a boneca*) — Que diabo hei-de fazer disto?... Ora, adeus, vai para cima dos telhados! (*Atira com a boneca*).  
 AMÉLIA — E agora, onde é que está?  
 FIRMINO — (*alto*) — No mesmo lugar. (*Baixo*) — O' inocência, perdoa, mas eu preciso de dinheiro! (*Entra no quarto*).  
 AMÉLIA — (*só, procurando*) — E agora, onde é que o snr. está? hein? não responde?... Diga, assim não vale, eu já estou cansada!... Onde é que está? Ah, não quer dizer? Pois eu tiro o lenço e há-de pagar a aposta. (*Tira o lenço, não acha ninguém, dá por falta da boneca e diz com mágua*) — Mau! Fugiu e furtou a minha boneca.

## CENA VII

AMÉLIA, Dr. MATEUS e logo MARIA

- DOUTOR — (*entrando*) — Ora viva a minha linda amiguinha.  
 AMÉLIA — (*correndo a abraçá-lo*) — O' meu amiguinho, como está? (*Depois de o beijar procura a boneca*).



- DOUTOR — (*observando*) — O que é que tem, perdeu alguma coisa?... Está tão cansadinha.
- AMÉLIA — Não, não é nada, era eu que estava brincando. Olhe, aí vem mamãe.
- MARIA — (*entrando pronta para sair*) — Oh! Doutor, pensei que também me tinha abandonado. Amélia, vai-te vestir, e dize ao João que apenas o carro esteja pronto, venha avisar-me.
- AMÉLIA — Sim, mamãe. (*Fazendo uma grande cortesia*) Senhor doutor, permite...
- DOUTOR — (*fazendo o mesmo*) — Oh! minha senhora, essa é boa!... (*AMÉLIA sai*) — Vai sair, D. Maria?
- MARIA — Vou, doutor, preciso fazer algumas compras e...
- DOUTOR — A senhora não diz a verdade. Eu sou médico e sou seu amigo. A sua fisionomia indica perfeitamente os sofrimentos de sua alma! Acaso já não mereço a sua confiança?
- MARIA — Oh, sempre, sempre. Mas não se assuste, saio porque preciso e mais nada. Amanhã o doutor vir-me-á alegre e contente, abençoar os seus conselhos e a amizade que me tributa.
- DOUTOR — Nesse caso, até amanhã. Aproveito a tarde para ir ver alguns doentes.
- MARIA — Espere, doutor, o carro ainda não está pronto; demore-se um pouco.
- DOUTOR — Para vê-la sofrer, não é assim?... E' essa a missão do médico. Porém, para que há-de ocultar as suas lágrimas, se elas lhe fazem bem?
- MARIA — (*chorando, caindo-lhe nos braços*) — Ah! Doutor, doutor!
- DOUTOR — Chore, pode chorar. A sua dor é imensa, minha senhora. A chaga de seu coração é incurável. Diante de tal martírio é forçoso curvar a cabeça. Tenha coragem, lembre-se de sua filha, e veja que ela precisa dos seus cuidados maternais.
- MARIA — Oh! doutor, eu sufoco no meio destas quatro paredes! Faltam-me as forças, preciso de ar!...
- CRIADO — O carro está pronto.
- DOUTOR — Vá, passeie, distraia-se. Eu sou seu amigo, hei-de teimar e hei-de vencer. Ainda não perdi a esperança.
- MARIA — Como o doutor é bom. Fala-me em esperanças ainda!... Oh! obrigada, obrigada! (*senta-se*).

- DOUTOR — Adeus e conte comigo. (*saindo*) — Não irei para muito longe! Não sei o que me diz o coração!... (*Sai*).

## CENA VIII

MARIA (só) e logo AMÉLIA e JÚLIO

- MARIA — Acaba-se por uma vez com tudo isto. Amélia ficará em casa de seu padrinho. Éle a estima bastante. (*Limpa os olhos*) — E' preciso que éle não desconfie! Agora, a carta que escrevi a Júlio e coragem... Cumpre não vacilar. (*Vai entrar no quarto e suspende-se a voz de Amélia*).
- AMÉLIA (*entrando a correr*) — Aí vem papai, mamãe, aí vem papai.
- MARIA — (*fechando a porta do quarto com a chave*) — Éle!
- JÚLIO — (*entrando e pesando as palavras*) — Sim, sou eu, admira-se? Não contava com a minha presença talvez?... E' quase sempre assim.
- MARIA — (*perturbada*) — Oh! meu Deus! desconfiará éle! (*AMÉLIA correndo para o pai*).
- AMÉLIA — Então o senhor meu pai não fala comigo?... Isso é bonito?
- JÚLIO — (*bruscamente*) — Vá lá prá dentro.
- AMÉLIA — Sem me beijar não vou.
- JÚLIO — (*empurrando-a*) — Vá para dentro, já disse.
- AMÉLIA — (*quase chorando*) — Eu vou, papai, eu vou. (*Chega à porta, volta-se para o pai e chora*).
- JÚLIO — Amélia, minha filha; vem cá, perdoa a teu pai.
- AMÉLIA — (*correndo e pulando-lhe ao colo*) — O que eu quero é o meu beijo!...
- JÚLIO — Toma...
- AMÉLIA — Agora, sim, vou-me embora, contente. (*Sai*).

## CENA IX

JÚLIO e MARIA

- JÚLIO — E' possível, meu Deus! aquele miserável!...
- MARIA — Éle sabe tudo!
- JÚLIO — A senhora ia sair?...
- MARIA — Ia.
- JÚLIO — De carro?
- MARIA — Sim, de carro.



- JÚLIO — Com sua filha?  
 MARIA — Com minha filha!  
 JÚLIO — Só?  
 MARIA — O que quer dizer?  
 JÚLIO — Nada... pensei que saía em companhia de seu... amante...  
 MARIA — Do meu... Obrigada, Júlio, obrigada. A tua condescendência é extrema. Calculaste perfeitamente as doses do veneno que devia matar-me. Do amor passaste à indiferença, da indiferença, ao tédio, do tédio ao desprezo, e do desprezo ao insulto! Muito bem, a tua inspiração é sublime! Cumpres com os teus deveres, não me falta nada!...  
 JÚLIO — Menos declamação e trate antes de justificar-se, eu já não sou seu marido, sou seu juiz...  
 MARIA — Juiz de quem?... Justificar-me, de que?...  
 JÚLIO — Do seu crime.  
 MARIA — Do meu crime? E quem é que me acusa?... E'... a minha rival?  
 JÚLIO — Existem cartas da senhora escritas a um homem.  
 MARIA — Cartas minhas?... Onde estão elas?  
 JÚLIO — No seu quarto, talvez. Vejamos. (*Encaminha-se para o quarto*).  
 MARIA — (*dando um pulo e abrindo os braços em frente à porta*) — Aqui não entra ninguém!... Não tenho cartas, não tenho nada!...  
 JÚLIO — Finalmente! Ela própria o confessa!... Se não tem cartas, dê-me as chaves do seu quarto. Quero abri-lo, a menos que o seu amante não esteja lá dentro.  
 MARIA — (*caindo de joelhos aos pés da mesa*) — Oh! é muito! é muito!  
 JÚLIO — Isso, curve-se e peça perdão, porque eu tenho o direito de matá-la!... Aqui está a grande senhora que blasonava da sua virtude, e insultava sem pêjo aquelas que se envergonhariam de apertar-lhe a mão! Que fez do meu nome? que fez da minha dignidade, mãe perversa, que nem ao menos corou no dia em que ofereceu à sua filha o espetáculo vergonhoso da sua deshonra! Deixe-me entrar nesse quarto.  
 MARIA — Ainda não. A mulher que acabas de esbofetear, precisa dizer-te: Júlio, tu és um miserável! porém és o pai de minha filha, és meu marido e eu te per-

- dão! Aqui tens a chave do meu quarto, entra, procura bem, e aí encontrarás, não a minha deshonra, mas, talvez, a tua desesperação. Vai.  
 JÚLIO — (*tomando a chave e abrindo a porta do quarto, donde sai Firmino*) — Ainda pretende justificar-se, minha senhora?  
 MARIA — (*voltando-se e caindo redondamente*) — Oh, é horrível!...

## CENA X

## OS MESMOS e DOUTOR

- DOUTOR — (*entrando*) — Que aconteceu?  
 JÚLIO — Oh! Doutor, chega a propósito! Cuide do seu ofício, que eu trato do meu. (*O DOUTOR corre a socorrer Maria*) — Tem alguma coisa que possa justificar a sua presença aqui?...  
 FIRMINO — Esta carta.  
 JÚLIO — (*lendo-a baixo*) — "Meu amigo. Meu marido não vem à casa desde ontem. Venha ver-me. O senhor é a única pessoa que me estima devêras. Este isolamento mata-me. Maria".  
 FIRMINO — Júlio, eu espero...  
 JÚLIO — (*rasgando a carta*) — Silêncio!... O senhor é um miserável! Sua alma não vale os pedaços desta carta, saia.  
 FIRMINO — (*saindo*) — Creio que não fui mal no meu papel. (*Sai*).  
 DOUTOR — Júlio, sua mulher parece que torna a si...  
 JÚLIO — Visto isso, está terminada a sua missão. Pode sair de junto dessa mulher indigna da sua amizade.  
 MARIA — (*como acordando*) — Oh! Dr., não me abandone.  
 DOUTOR — Creio que o amigo ainda tem que fazer aqui.  
 JÚLIO — Como lhe aprouver... E quanto à senhora, ouça a minha resolução. Está em sua casa, pode ficar; levarei comigo só aquilo que me pertence, o mais tudo é seu. Não agradeça a minha generosidade. Pago-lhe na altura dos seus merecimentos. (*Entra na D.A.*)

## CENA XI

## MARIA e o DOUTOR

- MARIA — Oh, doutor, ele me insulta, e eu não posso justificar-me!



DOUTOR — Como assim?... Que aconteceu?...

MARIA — Não posso mais ficar aqui. Se me estima, doutor, se não me quer ver louca, leve-me desta casa; qualquer canto me basta.

DOUTOR — Isto não pode ficar assim, é preciso uma explicação.

MARIA — Por quem é, poupe-me maiores vergonhas. Já tenho sofrido demais, não posso. Fique êle na sua casa. Nada quero, senão a minha reputação que êle ousou manchar! Ai ficam as suas jóias, tudo, tudo! (*Tira os brincos e as pulseiras*).

DOUTOR — Minha senhora.

MARIA — E' tudo dêle, não quero nada. Quando me casei era pobre, tão pobre como aquela que me deu o sêr. (*Tira uma medalha do pescoço que está escondida no seio*) — Oh! minha mãe! Tu, que estás lá em cima e conheces a minha inocência, abençoa o martírio de tua filha! Ai tem, doutor, é a única jóia que trouxe, é a única jóia que levo.

DOUTOR — (*tomando a medalha e dando um grito*) — Oh! meu Deus!

MARIA — O que é, doutor?

DOUTOR — Quem lhe deu esta medalha?

MARIA — Minha mãe na hora da morte.

DOUTOR — E como se chamava sua mãe?

MARIA — Henriqueta.

DOUTOR — (*no auge da alegria*) — Oh! Providência Divina! Achei minha filha!

MARIA — Sua filha?

DOUTOR — Sim, Maria, esta medalha dei eu à tua mãe, dias antes de partir para a Europa. Tiram os retratos juntos. Observa; levantando-se o retrato de tua mãe, está o meu por baixo! Vê!...

MARIA — (*observando*) — Sim, é verdade! Ah! Meu pai!...

DOUTOR — Minha filha!... (*Abraçam-se*).

## CENA XII

### OS MESMOS e JÚLIO

JÚLIO — (*com AMÉLIA pela mão*) — Levo o que me pertence, minha senhora. Deixo-lhe ficar o mais.

MARIA — Ah! êle quer levar minha filha? (*corre para ela*).

JÚLIO — Não toque nesta criança! A senhora é indigna de abraçá-la.

AMÉLIA — Mamãe!...

JÚLIO — Tua mãe morreu, minha filha. Vamos. (*Quer sair*).

DOUTOR — (*colocando-se na porta*) — Ainda não. O senhor não levará essa criança consigo.

JÚLIO — Porque?

DOUTOR — Porque eu não quero.

JÚLIO — Quais são os seus direitos?

DOUTOR — Sou seu avô.

JÚLIO — Seu avô?!

DOUTOR — Sim, seu avô. O senhor fica em sua casa; sou eu que levo o que me pertence. Vem, minha filha, vem Maria. Perdes um marido, mas não te faltará por certo, nem os carinhos de tua filha, nem a bênção de teu pai. Vem.

AMÉLIA — Papai!...

JÚLIO — (*Querendo segui-los*) — Porém, doutor...

DOUTOR — Fique. (*As duas têm quase saído. Fica na porta o Doutor, cujo gesto imperioso subjuga JÚLIO no meio da cena*).

## FIM DO 2.º ATO

### LAGRIMAS DE MARIA

## ATO 3.º

O Teatro representa o corredor da segunda ordem do Teatro Lirico. Um dos camarotes. O que fica mais em frente é praticável. Entradas à E. e à D. — E' noite de carnaval. Ao levantar o pano, dança-se a última parte de uma quadrilha. Grande animação.

## CENA I

### O TITÍ, FIDALGO, 1.º e 2.º MÁSCARAS, POVO e OUTRAS MÁSCARAS

1.º MÁSCARA — Galope geral!

TODOS — Hip, hip, hip!...

2.º MÁSCARA — Tudo dança.

TODOS — Apoiado!

1.º MÁSCARA — Traverser!

ALGUNS MÁSCARAS — Vamos, não percamos a parte.

2.º MÁSCARA — Traverser, balancer tour.

TODOS — Galope! Hip, hip, hip! Viva o carnaval! (*Para*



a orquestra. Grande algazarra de máscaras. Uns tocam cornetas, campainhas, etc. etc. . . Outros fazem grupos e passeiam. A cena nunca fica vazia e está sempre animada).

O TITÍ — (de braço com um Fidalgo) — Ora adeuses! . . . — Se soubesse que era isto, não tinha vindo cá. Nem se pode dansar! E' preciso vir para o corredor!

FIDALGO — Eu bem te disse, Aninhas, não quisestes acreditar! Não há nada como a fábrica de cerveja! A gente está a seu gôsto e ninguém se atreve a inticar com os outros. Aquí, apenas me viram, começaram a gritar: O' princê, diz alguma asneira, se não parto-te o cabresto.

O TITÍ — E a mim, não me perguntaram a como se estava vendendo pomada na Holanda?

FIDALGO — São uns atrevidos! Ao despois, a gente dá uma beçolada num, *aquim d'erei* que é capoeira.

O TITÍ — Estou com sêde, Totonho.

FIDALGO — Vamos ver se a venda ainda está aberta. (Vão saindo. Nesta ocasião vê-se um velhinho que mal pode andar, no meio de um grupo de máscaras, que o trazem à bôca de cena).

## CENA II

### O VELHO e outros MÁSCARAS

VELHO — Ah! meus filhos, obrigado, obrigado. Deus recompensará por certo aqueles, que no meio das dansas, da folia, e dos prazeres, não se esquecem dos desgraçados!

1.º MÁSCARA — Mas, velhinho, como veiu você parar até aquí?

VELHO — Oh! não procurem saber. Vou afligí-los, e não é por certo a desgraça, a miséria e a dor de um pobre velho, que os há de divertir numa noite de carnaval.

2.º MÁSCARA — Conte sempre, talvez não se arrependa.

1.º MÁSCARA — Será uma variante. E' bom haver de tudo.

2.º MÁSCARA — Quem sabe se não encontrará aquí quem o compreenda melhor? . . . Estamos fantasiados, é verdade, mas os bons sentimentos não se disfarsam nem se fantasiam. O que talvez não seja fácil en-

contrar lá por fora, no meio dessa sociedade que se mascára todos os dias.

TODOS — Apoiado, apoiado. Conte, conte.

VELHO — Oh! meus filhos, vou satisfazê-los. Eu sou um pobre velho. O meu emprêgo pouco ou nada rende: mal chega para as primeiras necessidades da vida. Tenho mulher e quatro filhos pequenos, moro numa casinha velha lá para as bandas de S. Diogo. Resumindo, pois, a história da minha desgraça, só direi, que hoje ao entrar em casa. . . (com esforço) — Oh! meu Deus! achei minha mulher, que há longos meses padecia de uma moléstia incurável, fria, inanimada, morta, estendida em cima de uma esteira rôta! Meus pobres filhinhos gritavam em côro: papai, papai! . . . Mamãe hoje não nos deu pão! Eu não tinha um vintém em casa! Como matar a fome dessas pobres crianças! . . . Como enterrar amanhã o corpo da minha velha companheira? Desesperado vim até aquí, postei-me à porta do edificio, em cujo centro reinava o prazer e pedi esmola! . . . Algumas pessoas caridosas atenderam-me e fizeram-me subir até aquí, para que eu pudesse colher melhor resultado! . . . E' esta a minha história! E' a miséria que pede à folia, é a dor que pede ao prazer; é o velho que vem buscar no meio da mocidade que se diverte em um baile mascarado, o pão para seus filhos e a sepultura para sua mulher! (*chora*).

1.º MÁSCARA — Pobre homem, vamos, não chore, aquí tem. (*Dá-lhe dinheiro*).

2.º MÁSCARA — Como deve ter sofrido! Tome. (*dá-lhe dinheiro*).

OUTRO MÁSCARA — Apoiado, apoiado. (*Todos dão-lhe dinheiro*).

VELHO — (*tremendo e chorando*) — Oh! meus filhos, meus filhos, que Deus vos dê mil venturas, recompense a vossa generosidade, e. . . (*tira as barbas e a cabeleira*) — Viva a pândega! Já temos para beber, rapaziada! (*Sai correndo*).

1.º MÁSCARA — Fomos embrulhados! Oh! que tratante!

2.º MÁSCARA — (*gritando*) — Pega nele, pega nele! . . .

TODOS — Pega, pega! . . . (*Todos gritam e correm atrás do velho. A cena fica vazia*).



## CENA III

DR. MATEUS e MANOEL

DOUTOR — (da E. apressado) — Então, Manoel, sabes alguma cousa?

MANOEL — (que tem entrado da D.) — Por ora, nada, meu amo.

DOUTOR — Oh! Maria, minha filha! A tua imprudência talvez te seja funesta! Que hei-de fazer, meu Deus?...

MANOEL — Não se desespere, meu amo; havemos de encontrá-la.

DOUTOR — Como? No meio desta multidão que se acotovela e aperta por todos os lados?... Como encontrar neste inferno, uma moça inexperiente, exposta a mil perigos, a mil insultos, sem ter uma pessoa que a defenda e conduza?...

MANOEL — Eu não acho muito difícil, e apenas avistar a sua neta...

DOUTOR — Pobre Amélia! Oh! Manoel, tu és culpado do que aconteceu! Podias, devias ter evitado esta saída!

MANOEL — De que forma, meu amo? D. Maria mandou chamar um carro; ao entrar nele com sua neta, disse-me: quando meu pai chegar e perguntar por mim, diz-lhe que eu fui ver meu marido... e o carro partiu. Vesti-me a tóda a pressa, e fui dar parte a meu amo. E' tudo quanto pude fazer.

DOUTOR — O' Manoel, isto é horrível... (ouvem-se gritos dentro; passagem, passagem) — Aí vem uma sociedade carnavalesca! Eu fico aqui. O camarote que aluguei é aquele. Corre, por tóda a parte, Manoel, que não te escape um canto, e vem sossegar o coração aflito de teu amo.

MANOEL — Fique descansado; se ela estiver no baile, eu hei-de encontrá-la por fôrça! (Sai à D. correndo. O doutor sobe).

## CENA IV

DOUTOR, ANGELINA, JÚLIO, FIRMINO, EUFRÁSIA, JOAQUIM PATO, JOANA, CUSTÓDIA E MÁSCARAS

TODOS — Passagem, passagem!... (Grande número de

máscaras invade a cena. Na frente vem uma banda de música. Segue-se um porta-estandarte todo preto, traz um esqueleto pintado em posição grotesca, com a seguinte inscrição em francês: *IL FAUT FINIR POUR COMMENCER*. E' preciso acabar para começar. Segue-se uma pequena ala de máscaras que choram cômicamente. Aparece ANGELINA num rico palanquim, luxuosa e extravagantemente vestida. Uma outra ala de máscaras a acompanha de velas espetadas em garrafas. Estes máscaras são: JÚLIO, FIRMINO, JOANA e EUFRÁSIA. Na frente, JOAQUIM PATO, vestido de bailarina, dando o braço a D. CUSTÓDIA que está vestida de homem. Depois de algumas voltas, o cortêjo para ficando ANGELINA no centro, rodeada pelos máscaras, tendo JÚLIO à E.. CUSTÓDIA e JOAQUIM PATO na frente do palanquim. Na entrada há fogo de bengala, etc. etc.)

FIRMINO — Alto frente! (A Angelina) — Excelsa soberana, os vossos humildes súditos aguardam respeitosos as vossas ordens. O' Pato, cumprimenta a nossa rainha

PATO — Já lhe disse que não me chame pelo nome. E' forte birra!

FIRMINO — Não te zangues, mancebo. O nome é uma voz com que se dá a conhecer as cousas; e Pato não é cousa nem pessoa.

PATO — E' o diabo que o carregue. Não faz senão praticar inconveniências.

FIRMINO — Não digas tolices, minha sílfide ligeira. Imita o teu cavalheiro. Está mudo como um frade de pedra.

CUSTÓDIA — (zangada) — Não se meta comigo, snr. Firmino! Ora, bem eu estou calada.

FIRMINO — Admirem o espírito desta máscara. Vejam como ela nos desfruta!... Não se contentou em mudar de sexo; tomou a gravidade do melão, está calado!

TODOS — (rindo) — Ah! ah! ah!

CUSTÓDIA — Eu bem disse à Lindinha que não queria vir a semelhante pagode! Se o senhor Firmino continua, não respondo por mim. Eu já não estou boal!

FIRMINO — (gritando) — Um médico, um médico a tóda a pressa.



DOUTOR — (*aparecendo*) — Aqui estou eu em falta de outro. (*Procura nos diversos grupos*).

JÚLIO — (*à parte*) — O dr. Mateus?

TODOS — O' doutor, seja bem aparecido.

FIRMINO — Então V. S. também gosta do carnaval? Apos-  
to que já dansou o seu cancan?...

DOUTOR — Não; gosto mais de ver dansar os outros.

FIRMINO — Então espere, que vai divertir-se à grande.

DOUTOR — Creio, creio...

EUFRASIA — Então ficamos aqui?... Isto já é maçada!

JOANA — Se foi para isto que me fantasiei!...

FIRMINO — Silêncio nas fileiras; quem pode ainda não fa-  
lou. Altiva soberana, a vossa tropa está em  
alarme!... que ordenas?

ANGELINA — (*em pé sobre o palanquim*) — Folia e loucu-  
ra! Seja êste o nosso grito de guerra! Poucas pa-  
lavras e muitas obras! Champagne em profusão!  
A embriaguez da valsa, o delírio das quadrilhas,  
extravagância de idéias... saltar os pulmões!...  
O excelentíssimo snr. Firmino, do meu conselho,  
ministro e secretário dos negócios de estado, assim  
o tenha entendido e o faça executar. Eia, parta-  
mos! à folia, à loucura!

TODOS — à folia, à loucura! (*Música. Desfila o préstito  
da mesma ordem e saem todos pela D., menos o  
DOUTOR*).

## CENA V

DOUTOR (só)

DOUTOR — Loucos! Loucos, que assim estragais o melhor  
tempo da vossa vida!... Mocidade inexperta, que  
confunde tudo, contanto que o vosso prazer se sa-  
tisfaça!... As minhas palavras, neste momento vos  
fariam rir, e no entanto, elas são a fiel tradução dos  
vossos sentimentos! O que é hoje um baile de  
máscaras? O que fizeram dêste divertimento que  
tanto nos agradava outrora? Mudaram tudo! Da  
dansa fizeram uma imoralidade, do espírito um in-  
sulto, da graça uma devassidão, da intriga carna-  
valesca um pelourinho, em que se amarram desbra-  
gadamente tôdas as reputações! Hoje, o baile de  
máscaras que não presidir vinte embriagados e dez  
cabeças quebradas, não presta; é frio, morto; pre-

cisa reinar o descaro, a embriaguez, a luta corpo-  
ral, para que certa roda possa gritar satisfeita:  
Bravo, viva, isto sim, é que é divertido! Viva o car-  
naval!

## CENA VI

DOUTOR e JÚLIO

JÚLIO — Doutor, eu o procurava.

DOUTOR — Aquí estou.

JÚLIO — Desejava saber se o senhor continua na mesma opi-  
nião.

DOUTOR — Sempre.

JÚLIO — Nunca mais verei minha filha?

DOUTOR — Nunca mais.

JÚLIO — Porém, doutor, reflita... êste estado de coisas não  
pode continuar... eu sou pai e posso exigir...

DOUTOR — Exigir o que?... Sua filha?... Ela morreu  
no dia em que o senhor insultou sua mãe! essa po-  
bre mártir que o amava com tôdas as veras da sua  
alma! Sua filha morreu para o senhor e ressuscitou  
nos meus braços, de onde ninguém a poderá arran-  
car!...

JÚLIO — O senhor não tem coração. E' pai, e vem afoita-  
mente dizer a outro pai: eu não quero que vejas  
mais a tua filha.

DOUTOR — Pai! Não o conheço como tal. O senhor está  
representando comigo uma farsa carnavalesca! Isto  
é realmente para rir!

JÚLIO — Oh! não doutor, eu amo muito a minha pequena  
Amélia. Se soubesse o que tenho sofrido! Há dois  
meses que a não vejo!

DOUTOR — Não podia achar um lugar mais próprio, nem  
um figurino mais elegante para fazer tal declara-  
ção. E' pena que não viesse em companhia do seu  
amigo Firmino.

JÚLIO — O senhor é o único culpado de tudo. Tôdas as vê-  
zes que o procuro evita-me; e nos poucos momentos  
que lhe tenho falado neste assunto, tenho sempre  
encontrado a recusa nos seus lábios.

DOUTOR — No dia em que o senhor for digno de minha  
filha, eu lhe restituirei a sua.

JÚLIO — Estou pronto a recebê-la. Sairemos do Rio de Ja-  
neiro; esqueço tudo, contanto que eu veja minha



filha! Garanto-lhe que não tem que arrepender-se. Juro-lhe que mudarei de vida, serei outro.

DOUTOR — Esquecer-se de que? Maria é inocente, deve sabê-lo. E' a ela que cumpre esquecer e não ao senhor. Se em tudo isto há uma vítima, é ela; é esse pobre coração torturado pelo seu abandono e esmagado pelo seu desprezo. Não queira reproduzir aqui a fábula do lobo e do cordeiro.

JÚLIO — Pois sim, Doutor. Tem razão. Estou pronto a tudo, que mais quer?

DOUTOR — A certeza de que o senhor saberá ser pai e marido.

JÚLIO — Eu o juro.

DOUTOR — Não acredito.

JÚLIO — O meu futuro comportamento lho mostrará.

DOUTOR — Pelo que vejo no presente, não me parece que será grande cousa.

JÚLIO — Doutor, eu lhe suplico.

DOUTOR — Não.

JÚLIO — Tenha compaixão do meu estado.

DOUTOR — Não.

JÚLIO — Bem. E' a última vez que lhe peço. O senhor será o responsável do que vai acontecer. Preciso matar as saudades de minha filha? Vou continuar na orgia! Preciso esquecer-me da minha querida Amélia?... Pois bem, vou beber, beber até cair; beber, até não sentir mais este espinho agudo que se enterra no meu coração! Beber até à loucura! Beber, até confundir estas lágrimas, com as gotas da última garrafa de champagne. Adeus, senhor, adeus! (*Sai em lágrimas*).

DOUTOR — Se fôsse possível?... Qual! Tratemos de procurar minha filha!... O' Maria, Maria!... (*Entra no camarote. Ouve-se tocar uma polka*).

## CENA VII

1.º e 2.º RAPAZES DE DOMINO'

DOMINO' — Com efeito! Nem esta polka os fascina?... Juraram acompanhar-me tóda a noite?

1.º RAPAZ — Até ao fim do mundo.

DOMINO' — E' muito longe.

2.º RAPAZ — Nesse caso, belo máscara, indica-nos a tua morada.

DOMINO' — Curioso!

1.º RAPAZ — E como não ser assim, diante de tanta graça, de tanta elegância?...

2.º RAPAZ — Dize ao menos o teu nome.

DOMINO' — Não fui batizada.

1.º RAPAZ — Eu te servirei de padrinho.

DOMINO' — Tenho medo d'água fria.

2.º RAPAZ — Nós te batizaremos em ondas de champagne. Anda, vem, vamos começar a cerimônia.

DOMINO' — Oh! basta, basta! Eu sou fraca e creio que quatro garrafas já é suficiente!...

1.º RAPAZ — Ainda que fôsem doze.

DOMINO' — Oh, não, não! Os senhores são por demais graciosos e eu não quero abusar.

1.º RAPAZ — Venha ao menos ceiar conosco.

DOMINO' — Depois dos sorvetes e doces com que os senhores me têm obsequiado, seria impossívell!...

2.º RAPAZ — Oh, não, interessante dominó, não recusarás. Nós ceiaremos mais tarde, quando quiserdes. Dá-nos a esperança de ainda hoje vermos esse rosto, que deve ser delicado e tentador! Essa cabeça que deve ser admirávell!

1.º RAPAZ — Queremos admirar a tua formosura, queremos ouvir a tua voz que deve ser maviosa como a flauta, e sorver o teu hálito, que deve possuir com certeza o perfume das mais delicadas flôres!...

2.º RAPAZ — Queremos beijar esta mão, que deve ser macia como um veludo de seda... (*beija-lhe a mão*).

1.º RAPAZ — Cobrir de beijos estas unhas cõr de rosa. (*Beija*).

DOMINO' — E se eu for feia?

OS DOIS — Qual?...

DOMINO' — Se eu for vesga?...

OS DOIS — Qual!...

DOMINO' — Quem sabe!...

2.º RAPAZ — Sei eu. Tu deves ser um anjo, adivinha-se; deves ser sedutora. O teu andar, a tua voz, o teu porte, são os teus primeiros denunciantes.

1.º RAPAZ — Não precisa inventar a polvora para se conhecer que tu, és uma dessas creaturas, capazes de perder a humanidade masculina.

DOMINO' — Oh! Senhores! Eu não desejo perder ninguém.



- 2.º RAPAZ — Porém quem pode resistir, quem pode ver-te sem ficar perdido?
- 1.º RAPAZ — Ninguém. Pela minha parte estou decidido a tudo. Dize uma palavra e eu serei teu para toda a vida.
- 2.º RAPAZ — E eu até à morte.
- DOMINO' — Oh! os senhores são muito amáveis! Não sei como pagar tantos favores!
- 1.º RAPAZ — Deixa-nos ver o teu rosto.
- 2.º RAPAZ — E' bastante levantar um pouco a seda da máscara.
- DOMINO' — Oh! não, eu sou decidida; ou tudo ou nada. Fazem muito empenho em ver o meu rosto?...
- 1.º RAPAZ — Ainda o perguntas?...
- 2.º RAPAZ — Dou a vida por isso.
- DOMINO' — Pois vou satisfazê-los.
- OS DOIS — Finalmente.
- DOMINO' — Porém peço a ambos que guardem o mais inviolável segredo! Sou muito conhecida e podem comprometer-me!
- 1.º RAPAZ — Dou-lhe a minha palavra de honra.
- 2.º RAPAZ — Descanse, eu sou cavalheiro.
- DOMINO' — Nesse caso, cheguem-se para aqui, bem perto. Vejam. (*Tira o capuz e a máscara. E' um homem completamente barbado*).
- 1.º RAPAZ — (*fugindo para a E.*) — O' diabo! E' um porta-machado! (*sai*).
- 2.º RAPAZ — (*o mesmo*) — E' o sargento do meu batalhão! Safa!... (*Sai*).
- DOMINO' — (*rindo*) — Ah, ah, ah... Então fugiram? E o champagne? Olhem que eu não fui batizada? (*Sai*).

## CENA VIII

MARIA, AMÉLIA e logo o DOUTOR

- MARIA — (*com um dominó preto, conduzindo AMÉLIA, que também vem fantasiada*) — Coragem, minha filha, coragem!...
- AMÉLIA — Oh! eu não tenho medo. Eu quero ver papai, tenho tantas saudades d'ele.
- MARIA — Sim, filha, nós o veremos. Dois minutos que sejam é quanto basta. Minha pobre Amélia, debes

- estar fatigada. Temos andado tanto!... Queres descansar?
- AMÉLIA — Enquanto papai não aparecer, eu não descanso. Ao depois, sim. Vamos para casa e eu deito-me na minha caminha.
- DOUTOR — (*abrindo o camarote*) — Nada, nada; é impossível encontrá-la.
- MARIA — Oh! minha filha, como tu és boa!
- AMÉLIA — Não sou melhor do que mamãe.
- DOUTOR — (*percebendo as duas*) — Esta voz... aquele dominó... Oh! o meu coração mo adivinha, é ela... (*chamando*) — Maria?...
- MARIA — (*voltando-se*) — Meu pai!...
- AMÉLIA — Vovô...
- DOUTOR — (*abraçando-as*) — Até que enfim! Oh! deixa-me respirar. Eu tinha um pêso enorme sobre o peito!...
- MARIA — Perdão, meu pai; eu sabia que o havia de afligir muito!
- DOUTOR — Sim, filha, a tua imprudência foi extrema!... Só, no meio desta multidão, que nada respeita, nada atende, entre a embriaguez e o deboche, por certo que a passagem da tua dor havia de fazer uma triste e perigosa figura.
- MARIA — Oh! meu pai, eu amo meu marido. A minha consciência grita bem alto; êle desprezou-te, insultou-te, foi depositar todas as suas carícias no seio de uma mulher perdida! porém o meu coração diz-me baixinho: êle é o pai de tua filha, é o teu marido, ama-o. Podem me querer mal por isso? E' possível que o mundo esteja em tal estado, que se ria da mulher casada quando diz: eu amo meu marido? Será verdade, que êle despreze a mãe que procura o pai de sua filha?... Oh, não, não! esta sociedade é cristã; e para cuspir em cima do meu martírio, é necessário ter esquecido as dores daquela, que viu seu filho morrer ao cimo do calvário!...
- DOUTOR — Maria, tu não conheces o mundo. Poucos são aqueles que conhecem a divina verdade. A sociedade está sempre disposta a rir de todos e de tudo. O escândalo é o seu ídolo. Aí! da creatura que tiver de ser sacrificada no seu altar! O fogo da calúnia a deixará em pouco tempo reduzida a cinzas! Os perigos a que te acabas de expor são terríveis!



Voltemos para casa, Maria, não percamos um minuto.

MARIA — Não, meu pai, perdoe-me; mas eu quero ver meu marido.

AMÉLIA — Eu quero ver papai.

DOUTOR — Isso é impossível! Maria, é impossível!

MARIA — Estou resolvida a tudo; suportarei todos os insultos, porém, hei-de vê-lo meu pai!

DOUTOR — Tu não podes compreender o que se está passando aqui dentro... Júlio...

MARIA — Sei tudo, não importa. Vê-lo-ei de longe, êle não me conhecerá depois voltaremos para casa. Oh, meu pai, tenha compaixão das minhas lágrimas; bem vê, eu não sou culpada.

DOUTOR — Porém reflete que Júlio está em companhia dessa mulher e que tu não podes ser testemunha das cenas que se vão passar.

MARIA — Já lhe disse, meu pai, estou resignada. Sofrerei tudo, contanto que o veja. Não negue êste favor à sua filha, não queira ver-me morrer desesperada!

DOUTOR — Vou satisfazer-te. E' essa a tua vontade? Pois bem, vais tragar até a última gota do cálice da tua amargura. Nem de propósito, aí vem Júlio! Entremos no meu camarote. Tu assim o quiseste, Maria, prepara-te, porque vais sofrer muito.

MARIA — Oh! meu pai, o martírio já não me assusta!... (*Entram no camarote*).

## CENA IX

## JÚLIO e FIRMINO

FIRMINO — (*dando o braço a Júlio*) — Que diabo!... Não fazes senão tolices! Segura-te nas pernas, faze como eu. Estou à bolina, mas não perco o rumo. Isto vai da falta de costume, mas não tem dúvida, eu me encarrego de completar a tua educação.

JÚLIO — (*meio embriagado*) — Oh! a minha cabeça, a minha cabeça!

FIRMINO — Está em cima dos teus ombros; pareces parvo! Olhem só para isto! Queres que te mande levar à casa?

JÚLIO — Não, não; quero beber... quero beber mais... preciso beber muito.

FIRMINO — Isso agora é toleima! Tu já não podes com o

que por lá anda, como é que pedes mais? Já tens a tua dose menos má. Contenta-te com isso, olha que não é pouco.

JÚLIO — Oh! tu, tenho sêde, muita sêde...

FIRMINO — Pois bebe água; é bom para refrescar a parede.

JÚLIO — Oh! sinto estalar-me a cabeça!

FIRMINO — E' sempre assim quando se começa. Depois o costume faz lei. Olha, senta-te aqui. (*Vai buscar uma cadeira*) — Descansa, eu vou dizer a Angelina o teu estado e veremos o que ela decide. Não faças tolices; olha que isso não é para gente de bom-tom! Eu já volto! (*Sai*).

## CENA X

## JÚLIO e logo MARIA, AMÉLIA e DOUTOR

JÚLIO — (*só*) — Sim, sim... Angelina! Oh! eu soffro muito! Leve-me daqui, eu sufoco!... Há aqui alguma coisa que me queima as entranhas! Onde estou eu? Não me lembro. Oh, eu não posso mais sofrer êste suplício! Estarei sonhando?... Estarei vivo?... Será realidade tudo quanto sinto? Oh, sim, sim!... é o castigo!... Aqui em baixo é o inferno! Lá está em cima o meu filhinho, pedindo-me que o abrace; e eu não o posso fazer, porque êle não me ouvirá de tão longe! Oh! mas resta-me minha filha! Ei-la aqui... Vem, Amélia, vem abraçar teu pai!... Ela foge, tem medo de mim; e porque?... Agora compreendo tudo! Ela foge, não me atende, porque a máscara da embriaguez me tornou completamente desconhecido! (*Cai na cadeira e adormece. Surdina*).

DOUTOR — (*abrindo de vagar a porta do camarote e conduzindo Amélia pela mão que se ajoelha ao pé de Júlio*) — Aqui tens teu pai, Amélia. (*Vai buscar Maria que ajoelha do outro lado*) — Aqui tens teu marido, minha filha!

MARIA — (*beijando-lhe a mão*) — Oh, Júlio... Júlio...

AMÉLIA — (*fazendo o mesmo*) — Mamãe, o papai está com a mão tão fria!

DOUTOR — Santa e sublime resignação! Belo quadro na verdade! Creio que para uma noite de carnaval, não se poderia encontrar outro melhor.

JÚLIO — (*sonhando*) — Maria, Maria...



- MARIA — Ele chama por mim, meu pai!...
- DOUTOR — Silêncio, filha!...
- JÚLIO — *(continuando)* — Amélia, Amélia...
- AMÉLIA — Papai!... *(Para a surdina)*.
- DOUTOR — Oh! se ele desperta está tudo perdido!... Vem, Amélia, vem!... *(Leva-a para o camarote)* — Vamos, Maria, evitemos qualquer escândalo.
- MARIA — Ele parece sofrer, meu pai!... Está tão pálido!... Seria crueldade deixá-lo neste estado!...
- DOUTOR — Qualquer imprudência pode-nos ser fatal.
- MARIA — Ninguém virá, meu pai, e se vier, com o rosto oculto nesta máscara, ninguém me conhecerá.
- DOUTOR — Não te posso satisfazer; o perigo é iminente.
- MARIA — Pois bem, deixe-me abraçá-lo ainda uma vez e volto para o camarote.
- DOUTOR — Seja. *(MARIA vai a abraçá-lo e quando se volta aparece ANGELINA)*.
- MARIA — *(dando um grito)* — Ah! *(Foge para o camarote. ANGELINA quer segui-la)*.
- DOUTOR — *(impedindo-a)* — Eu o tinha previsto.

## CENA XI

## DOUTOR e ANGELINA

- ANGELINA — Quem é esta mulher, doutor?
- DOUTOR — E o que tem a senhora com isso?
- ANGELINA — O que tenho? Essa pergunta é divertida! Vejo uma mulher abraçar o meu amante, e o doutor, pergunta-me o que tenho!...
- DOUTOR — Nada mais natural. Desejo saber quais são os direitos que tem para fazê-lo.
- ANGELINA — Nesse caso, o doutor mudou de profissão.
- DOUTOR — Que diz?
- ANGELINA — Deixou de ser médico para ser presentemente...
- DOUTOR — Acabe!...
- ANGELINA — A terceira pessoa do singular do modo indicativo do verbo.
- DOUTOR — Encontrou essa novidade, talvez, no fundo da última garrafa que esvaziou.
- ANGELINA — O doutor é um cavalheiro! A sua resposta, prova, que não se esqueceu que falava a uma mulher.
- DOUTOR — Um homem, não teria, por certo acabado a frase.

- ANGELINA — Nesse caso vejo que me enganei e peço-lhe desculpa.
- DOUTOR — Já o tinha feito antes. No seu estado era desnecessário pedir!...
- ANGELINA — Deixe-me ver o seu gosto. Ora, quem havia de dizer? O doutor, nesta idade e ainda fazendo conquistas!
- DOUTOR — Angelina!...
- ANGELINA — O que é, doutor?... Zangou-se por isso?... A sua amante deseja guardar o incógnito?...
- DOUTOR — Nem mais uma palavra!...
- ANGELINA — Porque?
- DOUTOR — A senhora não sabe o que está dizendo, saia!
- ANGELINA — Sem levar a certeza de quem é a mulher que está no seu camarote... oh! isso não!...
- DOUTOR — Não me faça perder a cabeça! A mulher que ali está não pode ser minha amante!
- ANGELINA — Então quem é?... Isto aguça ainda mais a minha curiosidade. Ela que tire a máscara, que venha para junto de nós; há-de ser bem recebida. Queremos ver esse sol de formosura.
- DOUTOR — A mulher que ali está não é um sol de formosura, é apenas uma luz brilhante de virtudes, cujos raios não podem refletir-se no seu charco imundo!... E' tudo quando lhe posso dizer! *(Entra no camarote e fecha a porta)*.
- ANGELINA — Inferno!... e eu hei-de saber... por força... *(Vendo Firmino)* — Chegas a propósito, Firmino.

## CENA XII

## FIRMINO, ANGELINA, JÚLIO e logo DOUTOR

- FIRMINO — Tenho-te procurado por toda a parte. A sociedade quer retirar-se e é preciso fazeres o discurso de despedida.
- ANGELINA — Vou já. Acorda Júlio e procura saber a todo custo, quem é a mulher que está no camarote do doutor.
- FIRMINO — Olá... temos mistérios... estou nas minhas sete quintas! Não me acho muito em estado de fazer dessas diligências; mas enfim, até onde for possível!...
- ANGELINA — Custe o que custar. Eu conto contigo *(Sai)*.



FIRMINO — Vá descansada, excelsa soberana. O seu ministro cumprirá as suas ordens. (A Júlio) — Eh, lá, pum, dorminhoco. Então não ouviste o tiro de peça?... Leva arriba...

JÚLIO — (acordando) — Quem me chama?

FIRMINO — Eu. Olha que já são horas. Vai ter com Angelina. A sociedade vai retirar-se...

JÚLIO — (saindo) — Oh, sim, sim, levem-me daqui, levem-me daqui. (Sai).

FIRMINO — (só) — Ora, agora, vamos à nossa emprêsa! Com os diabos!... E' mais difícil do que eu pensavall... Porta fechada!... Vejamos pelo buraco da fechadura... (Vai espiar; neste momento o DOUTOR abre a porta rapidamente e dá-lhe com ela na cara).

## CENA XIII

DOUTOR, FIRMINO e logo MARIA e AMÉLIA

DOUTOR — Deseja alguma coisa?

FIRMINO — Safa! Não está mau acolhimento! quase me parte a cabeça!

DOUTOR — Não sabia que estava agora empregado na policia!... O cargo de espião deve ser rendoso.

FIRMINO — Acredito; mas não se trata agora disso. O doutor sabe perfeitamente o que é um baile de máscaras! E' tudo confusão. Uma mulher que vinha conosco desapareceu e eu ando à procura dela.

DOUTOR — No meu camarote?...

FIRMINO — Sim. Pareceu-me descobrir há pouco, quando estava no salão.

DOUTOR — Tem certeza disso?

FIRMINO — Quase...

DOUTOR — Olhe que se engana...

FIRMINO — Não será muito fácil...

DOUTOR — Pois eu garanto-lhe que se engana. Não tenho ninguém no meu camarote.

FIRMINO — (querendo entrar) — Deixe-me ver.

DOUTOR — (impedindo-o) — Para trás; já lhe disse que o meu camarote está vazio!

FIRMINO — Oh! o doutor me ilude! Tem ali a pessoa que procuro. E' uma mulher com quem fiz despesas e tenho todo o direito...

DOUTOR — (agarrando-o pela garganta) — Miserável!

FIRMINO — Se lhe parece mate-me! E' a sua profissão. Traz a botica no bolso.

DOUTOR — Para os leprosos da tua laia, eu trago a receita pronta. (Tira um revólver e aponta-lho).

MARIA — (saindo do camarote a correr e segurando o braço do Doutor) — Ah!

DOUTOR — Ela?...

FIRMINO — Enfim!...

DOUTOR — (tomando Maria pela mão, depois de ter guardado o revólver) — Era esta a mulher que procuravas?

FIRMINO — Julgo; porém de máscara não posso afiançar.

DOUTOR — Pois certifica-te. Aqui a tem; vê se a conheces... (Tira a máscara de Maria).

FIRMINO — (como aterrado) — Ah!

DOUTOR — Então que esperas?

FIRMINO — Perdão, perdão!

DOUTOR — (Fazendo-o curvar) — Curva-te diante da tua vítima, infame! e foge, foge daqui, se não queres que te faça saltar os miolos.

FIRMINO — (vai a fugir para o lado direito e encontra-se com Amélia que tem saído do camarote, já sem máscara) — Safa... Por esta não esperava eu!... (foge).

DOUTOR — Aquí tens, Maria, as consequências do teu passo.

MARIA — (abraçando-o) — Oh! meu pai, querido pai!

VOZES DENTRO — Atenção! Atenção! Silêncio...

ANGELINA — (dentro em tom de discurso) — Meu povo, a hora acaba de soar, devemos partir! E' preciso justificar a nossa divisa: *Il faut finir pour commencer*. Isto é francês e quer dizer: E' preciso acabar para começar. Falo para quem me entende. Antes, porém, devemos fazer as nossas despedidas... Viva o carnaval!...

VOZES — (dentro) — Viva!...

ANGELINA — Viva o prazer!...

TODOS — (dentro) — Viva!...

ANGELINA — Vivam todos aqueles que... Ah!... (Ouve-se um grito horrível e o baque de um corpo que tomba).

DOUTOR — Que será isto?

AMÉLIA — Mamãe...

MARIA — Deus nos acuda! (Entra no camarote com Amé-



lia. Gritos dentro: Um médico! um médico! A  
cena enche-se de povo e máscaras).

CENA ÚLTIMA  
TÓDAS AS PERSONAGENS A EXCEÇÃO  
DE FIRMINO

- TODOS — Que desgraça! Que desgraça!  
DOUTOR — O que foi, o que aconteceu?  
2.º MASCARA — Angelina quis fazer um discurso em cima  
do parapeito de um camarote de segunda ordem,  
perdeu o equilíbrio e caiu no meio do salão. Tra-  
zem-na para aqui — Veja se pode socorrer, doutor...  
(*Surdina. Música do baile de máscaras. Angelina  
entra, carregada por outros máscaras e sentam-na  
em uma cadeira no meio da cena.*)  
DOUTOR — (*examinando-a*) — Não há mais nada a fa-  
zer. Dentro em pouco será cadáver.  
ANGELINA — (*com voz quase extinta e agonizante*) —  
Oh!... eu não preciso de médico!... Quero um  
confessor... não podia encontrar outro melhor!...  
Ouçam todos, todos!... A minha confissão será  
pública! Eu, doutor, eu caluniei sua filha!... Aque-  
la carta que me confiou, eu a dei a Firmino, para  
melhor perdê-la no conceito de Júlio...  
DOUTOR — E' possível?!...  
JÚLIO — Oh! quanta perversidade!  
ANGELINA — Vou morrer! Peço perdão do que fiz!  
JÚLIO — (*coabrindo o rosto*) — Oh! (*Ouve-se um sino; sinal  
para o galope infernal.*)  
ANGELINA — (*levantando-se com esforço*) — Que é isto,  
Doutor? São os sinos da minha agonia?  
DOUTOR — Não, não; é o baile que termina.  
ANGELINA — (*expirando*) — O baile?... o baile?...  
sim... é o meu galope final... é o meu carnaval  
que expira... (*morre*).  
JÚLIO — Miserá!... Que Deus te perdoe!... assim co-  
mo eu te perdôo. E tu, Maria, quando me perdoarás?  
MARIA — (*aparecendo com Amélia da extrema direita e  
tirando a máscara*) — Estás perdoado...  
JÚLIO — (*admirado*) — Tu?... (*Cai de joelhos*).  
MARIA — Silêncio. (*A orquestra rompe o galope infernal e  
CAI O PANO.*)  
FIM DO DRAMA